



Instituto de Humanidades e Letras

Curso de Letras-Língua Portuguesa

Libânia Fernandes Cá

ESTUDO DE UNIDADES FRASEOLÓGICAS NO GUINEENSE

REDENÇÃO

2017

LIBÂNIA FERNANDES CÁ

ESTUDO DE UNIDADES FRASEOLÓGICAS NO GUINEENSE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) como requisito parcial para obtenção da Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubio

REDENÇÃO

2017

“Muitas vezes as palavras assumem um sentido figurado para expressar de maneira eficaz ideias e sentimentos, frescor, novidade, produzir efeito. O enunciador organiza os percursos figurativos constituídos por metáforas, tentando mostrar ao leitor a credibilidade de seu discurso”.

Ortiz Alvarez

Resumo

Neste trabalho, através de uma pesquisa descritiva qualitativo-analítica, buscamos apresentar uma discussão teórica, mediante as concepções a respeito da relação entre as unidades lexicais compostas e complexas. Faz-se necessário apontar as diferenças entre compostos, provérbios e expressões idiomáticas (EIs), que têm em comum características como indecomponibilidade, cristalização na língua, sentido conotativo e por vezes denotativas. O objetivo, com base na teoria é analisar o emprego dessas lexias compostas, as expressões idiomáticas e os provérbios em corpus da língua guineense. O corpus empregado provém de livro da autora guineense Teresa Montenegro, intitulado *Kriol tem- termos e expressões*. A metodologia utilizada no trabalho tem como base o suporte teórico da fraseologia e a semântica. Visa-se, sobretudo, discutir a noção da composição de palavra e frases fixas, com base em hipóteses de especialistas fraseológicos, a fim de dar a conhecer em algum grau a sua área de conhecimento da fraseologia.

Palavras-chave: lexicologia, frases feitas, expressões idiomáticas, lexias compostas

Abstract

In this work, through a qualitative-analytical descriptive research, we seek to present a theoretical discussion, through the conceptions regarding the relation between the compound and complex lexical units. It is necessary to point out the differences between compounds, proverbs and idioms (SIs), which have in common characteristics such as indecomponibility, crystallization in the language, connotative and sometimes denotative sense. The objective, based on the theory is to analyze the use of these compound lexias, idiomatic expressions and corpus proverbs of the Guinean language. The corpus employed comes from the book of the Guinean author Teresa Montenegro, entitled *Kriol tem- terms and expressions*. The methodology used in the work is based on the theoretical support of the phraseology and the semantics. Our aim is to discuss the notion of word composition and fixed sentences, based on hypotheses of phraseological experts, in order to make known in some degree their area of knowledge of phraseology.

Keywords: lexicology, phrases made, idiomatic expressions, compound lexias.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
----------------------	----------

CAPÍTULO I:

DISCUSSÃO	TEÓRICA	SOBRE	UNIDADES
FRASEOLÓGICAS	11		

2.1. Relação entre língua e cultura	11
2.2. O léxico	14
2.3. Fraseologias	18
2.4. Unidades fraseológicas	20
2.5. Formações dos compostos	23
2.6. Expressões idiomáticas	24
2.7. Expressões idiomáticas na língua guineense	26
2.8. Provérbios e provérbios do guineense	28

CAPÍTULO II. ANÁLISE DOS DADOS

3.1. Metodologia	33
3.2. Tabela 1. Descrição do composto do guineense	35
3.3. Análise da lexia composta	36
3.4. Tabela2- A descrição das expressões idiomáticas do guineense	38
3.5. Análise das expressões idiomáticas do guineense	39
3.6. Tabela 3- a descrição dos provérbios na língua do guineense	41
3.7. Análise do provérbio do guineense	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Descrição do composto do guineense -----	37
Quadro 2. A descrição das expressões idiomáticas do guineense -----	40
Quadro 3. a descrição dos provérbios na língua do guineense -----	44

1. INTRODUÇÃO

O conhecimento do estudo das unidades fraseológicas ou fraseologismos é indispensável e muito relevante para todas as pessoas que pretendem ter a compreensão de uma determinada língua, seja materna ou estrangeira. O seu conhecimento e domínio auxilia o falante a conhecer bem o universo linguístico-cultural daquela sociedade, visto que língua e cultura estão estritamente relacionadas.

O principal foco da nossa pesquisa são as expressões idiomáticas (doravante, EIs), provérbios e as lexias compostas, que fazem parte do léxico geral e da fraseologia. Este é o campo de estudo da lexicologia, que estuda o léxico das línguas de forma completa e integrada. No entanto, o estudo do léxico não é somente o estudo do vocabulário de uma língua, mas também o estudo de todos os aspectos que o envolvem, como seus significados, a relação entre as palavras, o vocabulário e outras áreas de descrição, a fonologia, a morfologia e a sintaxe (CAMACHO, 2008, p.12).

Optamos pela denominação ‘unidades fraseológicas’ para designar as sequências linguísticas que constituem o objeto de estudo da fraseologia, por considerarmos esse hiperônimo suficiente para abarcar sentenças proverbiais, expressões idiomáticas, bem como lexia composta.

Uma das linhas de pesquisa que envolve os estudos do léxico tem como foco as unidades fraseológicas e as parêmiias, cujo objeto é de duas ciências consideradas de origem recente, a saber, a fraseologia e a paremiologia. Esses dois ramos da ciência têm merecido especial atenção devido à importância adquirida nos últimos anos (PEIXOTO, 2014, p. 119).

No desenvolvimento deste trabalho, procuramos analisar as unidades fraseológicas por critérios, principalmente, do nível semântico do léxico do guineense e mediante um *corpus* composto a partir do livro da autora Teresa Montenegro, *Kriol ten, termos e expressões* (2007). Além disso, tomamos como base teórica trabalhos como o de Couto e Embalo (2010), *Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau: um país da CPLP*” de Couto e Mello (2009), *os compostos no crioulo português da Guiné-Bissau* de Scantamburlo (1999), *Dicionário do Guineense e Notas Gramaticais, Volume I* e, por fim, Pinto Bull (1989), “*O crioulo da Guiné-Bissau: filosofia e sabedoria*”.

O trabalho é baseado nos estudos da relação das unidades fraseológicas referidas anteriormente e a sua relação como sendo léxico de uma língua e cultura do guineense, a formação dos compostos, expressões idiomáticas ou frases feitas e provérbios.

Analisaremos o sentido figurativo ou metafórico dessas expressões que, muitas vezes, para quem não é da cultura guineense, ao se deparar com algumas expressões, como *sta ku dur di kutibelu*, que significa, literalmente traduzida ‘estar com dor de cotovelo’ e, no seu sentido figurativo, ‘estar despeitado devido a uma decepção amorosa’, não irá saber o real significado dessa expressão, a não que conheça bem esta cultura ou procure equivalência na sua língua, mas muitas vezes essas traduções não correspondem ao sentido original.

A escolha desse tema deve-se ao fato de que as unidades fraseológicas são unidades lexicais impregnadas de traços culturais de uma determinada língua. O motivo pelo qual optamos por desenvolver esta pesquisa nesta perspectiva, com o entendimento de que as expressões das unidades fraseológicas retratam um aspecto cultural emblemático e recorrente nas línguas, por isso estão no dia-a-dia, na ‘boca do povo’, motivo pelo qual precisam ser estudadas e analisadas.

Além disso, a escolha desse estudo comparativo do léxico focado nas unidades fraseológicas: composto, expressões idiomáticas e provérbios, que representam campo de estudo bastante importante ao reconhecimento linguístico de um povo e da sua cultura, busca preencher, de alguma forma, o vazio existente na atualidade referente aos estudos teóricos que se debruçam sobre as unidades fraseológicas do guineense. Por outro lado, não encontramos quase nenhum estudo que se dedique somente às expressões idiomáticas, mas, sim, dos provérbios, que também, por sua vez, são pouquíssimos estudados e interpretados.

São raros os estudos como o de Montenegro (2007), que trata de ditos populares no guineense, ou seja, das unidades fraseológicas, parêmia, provérbios, ditados populares, entre outras unidades fraseológicas e um pouco de expressões idiomáticas. Couto e Mello (2009) debruçaram-se sobre os compostos no guineense e também Scantamburlo (1999,2013) trata de compostos em seu dicionário e em sua tese de doutorado.

O foco do nosso trabalho é analisar algumas frases de provérbios e expressões idiomáticas, fazendo comparativo entre eles e o composto. Apesar da língua guineense não ser a língua do ensino, as nossas expressões são usadas diariamente nas falas, porém com a falta da produção dos materiais ou conteúdo específico, pessoas acabam desconhecendo essas expressões em geral, só sabem que isso existe na fala e são usados e herdados por outros falantes.

A primeira intenção deste estudo, ao escolhermos esse tema, é de privilegiar uma área carente de estudos das unidades fraseológicas no léxico do guineense ‘crioulo’. O nosso trabalho foi planejado com objetivo de localizar, identificar, analisar como as unidades

fraseológicas aparecem no guineense e como se integram seus significados na cultura popular desse povo, com base no corpus do léxico do guineense ‘crioulo’.

Também é indispensável destacar que o interesse por essa pesquisa provém de uma naturalidade como falante de uma língua guineense, na qual como falante nativa, podemos perceber as expressões características da cultura desse povo.

Com base nesses pressupostos teóricos colocados para desenvolver e analisar o objeto dessa pesquisa, apresentamos as unidades fraseológicas em forma de tabelas e selecionamos dentro dessas tabelas algumas expressões a serem tratadas com mais detalhe.

Quanto à estrutura do trabalho, inicialmente, discutiremos, na fundamentação teórica, a relação entre cultura e língua e também a própria noção da fraseologia, além da relação de seus estudos e estudiosos na área da linguística. Trataremos da noção de lexia composta, da expressão idiomática, dos provérbios, isto é, as unidades fraseológicas, apresentando os seus traços característicos e classificações propostas por linguistas e pesquisadores da área. A seguir, procuraremos delimitar a descrição dos compostos, as expressões idiomáticas e provérbios, por meio de um quadro no qual descreveremos o corpus a ser submetido à análise linguística, sobre alguns aspectos teóricos relacionados à semântica, às estruturas sintáticas e gramaticais, menos importante para nós nesse trabalho.

Na seção de metodologia, apresentaremos como foi realizada a composição do corpus, com a coleta das expressões nas unidades fraseológicas.

Na última seção, apresentaremos as lexias recolhidas do material e apontaremos a análise dessas ocorrências com base na fundamentação teórica previamente apresentada.

Ressaltamos que as unidades fraseológicas contribuem de modo a desenvolver a competência lexical e no seu conhecimento e funcionamento do sentido figurado/metafórico, bem como na ampliação lexical do falante e, o que aponta a relevância dos seus estudos de um modo mais geral e na sua expansão na academia. Esperamos assim, que haja mais interesse para os estudantes dessa língua materna, assim como os pesquisadores que querem mergulhar nos seus estudos, conhecimento e na sua compreensão. Por outro lado, espera-se que esta pesquisa possa contribuir muito nos futuros trabalhos das unidades lexicais em língua guineense.

2. DISCUSÃO TEÓRICA SOBRE UNIDADES FRASEOLÓGICAS

2.1. RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E CULTURA

O que se entende por cultura? O que se entende por língua? Qual é a relação entre elas/língua e cultura? Poderíamos listar aqui várias definições, desde as acepções dos estudos sobre a cultura, as definições populares e as descrições acadêmicas.

A língua e cultura estão diretamente ligadas, por isso ouvimos dizer que ‘quando morre uma língua também desaparece uma cultura’, porque toda cultura é formada por tradições, costumes, culinárias, danças, literaturas, folclores, etc, de um determinado povo. Com relação à língua e à cultura em Guiné-Bissau, não é diferente, pois toda cultura de alguma forma será expressa por meio da língua que é a marca principal e se ela se romper, a cultura inteira morrerá junto. Em relação a isso, se existe a língua é porque a cultura também existe, porque nela incluem-se diferentes tipos de manifestações de base linguística, como alguns dos que citamos acima, e também os rituais, as fórmulas para dizer as ‘coisas’ ou ‘objetos’, e essas manifestações são inteiramente marcadas por expressões linguísticas (PERINI, 2010, p.4). Assim, podemos dizer que a língua é uma codificação verbal ou escrita da cultura. Esta última, por sua vez, é o conjunto de conhecimentos adquiridos por um povo sobre todas as áreas da vida. Segundo Scantamburlo (1999, p.40) “a língua, como meio de comunicação numa comunidade, é parte e, ao mesmo tempo, reflexo da cultura da mesma comunidade”.

Perini (2010, p.2) comenta que: “uma língua é, assim, uma das realizações históricas da capacidade humana para linguagem. E cada língua é profundamente enraizada na cultura.” Com isso, podemos confirmar que cada língua tem a sua especificidade que existe dentro da sua cultura, pois há expressões que podemos encontrar só no guineense, porque são retratos da imagem da cultura guineense e não são compartilhados com outras culturas ou países diferentes. Nesta perspectiva, podemos dizer que a relação existente entre língua e cultura, de acordo com o linguista Câmara Jr (1955, apud. ¹DIAS, p. 3), é que “a língua é uma parte da cultura, mas uma parte que se destaca do todo e com ela se conjuga dicotomicamente. Esta condição já faz possível, ou até propicia o estudo da língua em separado, como um todo que

¹http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CILLC_I_URI/Artigos/Juciele%20Pereira%20Dias.pdf
Acesso:26 nov.2017

se basta a si mesmo”. Na mesma linha do pensamento, Perini (2010, p.2) defende que “a língua falada por um povo é a parte da imagem que esse povo tem de si mesmo”.

Laraia (2011) resume, no seu livro *Conceito de cultura antropológico do pensamento de Kroeber*, em sete pontos essas questões. Para o nosso trabalho, o ponto que se relaciona ao tema em questão, sobre a cultura é o seu conceito de que “a cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores.” (LARAIA, 2011, p. 49). Nesse sentido, concordamos com esse conceito, pois o que é passado e transmitido de geração a geração, como saberes culturais, linguagem é aprendido e passado para novas gerações.

Como o nosso foco aqui é tratar das unidades fraseológicas, vimos que isso é herdado dos antepassados e apreendido pelas novas gerações, em que muitos continuam, outros simplesmente caem em desuso e novos são criados linguisticamente. Nesse contexto, o linguista Saussure (2012) nos alerta, quando explica que, na mudança de uma língua, ela será capaz de experimentar novas transformações ou modificações, se é desenvolvida a duas forças simultaneamente, a extensão de falantes e o tempo. Pois bem, se a longo prazo, que se refere a muitas gerações, com a quantidade de falantes, certamente não alude somente aos falantes da língua num dado momento, mas, aproximadamente, a todos os falantes que se serviram daquela língua, ou seja, à expressão que no período em que passou por essa ou aquela mudança. Isso aponta a ação dessa extensão de falantes no tempo, o que não poderia se tratar de um pequeno período de tempo.

Como o linguista não definiu períodos de tempo, falando exclusivamente em ‘gerações’, é provável compreender que as modificações na língua compreendem séculos. Ou, pelo menos, poucas mudanças poderiam cumprir-se em menos de cem anos.

É indispensável notar, no pensamento de Saussure, que não se julga nenhuma modificação ou alteração que não permaneça na língua. Desse modo, as fraseologias que surgiram no uso desapareceriam rápido? Não. Poderiam ser consideradas, consoante a teoria saussuriana, como sendo mudanças na língua. Pois essas expressões, para serem consideradas expressões idiomáticas ou provérbios e, assim como a *lexia* composta, têm que se cristalizar numa determinada língua, com a frequência do seu uso numa dada comunidade linguística, por fim, sendo fixadas nessa língua.

Dessa maneira, uma multidão de falantes seria composta por várias gerações, sendo que algumas dessas, nem poderiam conviver entre si, uma vez que, ao surgirem as mais recentes e como a sua frequência em uso se cristaliza, algumas das mais antigas podem cair em desuso ou se perdem nessa comunidade linguística (RODRIGUES, 2008).

A relação entre língua e a cultura, em face da concepção de uma identidade cultural, são os traços culturais obtidos em virtudes de um sujeito de uma determinada nação linguística ou grupo social, portando a língua em um dos traços culturais adquiridos por um povo ou por um indivíduo integrado nessa comunidade de fala (SANTANA, 2012).

De acordo com Saussure (2012, p.53), “os costumes de uma nação têm repercussão na língua e, por outro lado, é em grande parte a língua que constitui a Nação”. Para o autor, a língua é tida como um sistema que conhece apenas sua organização interna, seja no nível fonético-fonológico, seja no mórfico, seja ainda no sintático; sem sofrer influências de fatores externos a ela.

Nos dizeres do autor, embora uma língua seja natural ao homem, a sua faculdade de se constituir seria por meio da própria convenção. Segundo Saussure, a língua é um sistema de signos linguísticos, no qual, “de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas” (SAUSSURE, 1970, *apud* NASI, 2007). A compreensão pela língua e pelos grupos sociais é manifesta pelo autor:

“A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos. Trata-se, pois, de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independe da vontade dos depositários” (SAUSSURE, 1970, *apud* NASI, 2007, p.27).

A língua é capaz de gerar palavras novas de acordo com as necessidades de interação da comunidade linguística, e dessa forma, ela faz parte da cultura e essas são inteiramente ligadas. A partir da língua, pode-se expressar a imagem existente de cada povo e de cada país. Assim, nenhuma das línguas e culturas carece das unidades fraseológicas.

Fiorin (1997, *apud*, SANTANA, 2012, p.49) aponta que a língua, ao instigar uma cultura e por ela ser influenciada, faria vez de traço identitário de uma comunidade linguística com vistas a conferir-lhe um espaço simbólico de identificação. A língua também mostra uma visão de mundo, uma manifestação de uma cultura, e pode ser considerada, ao necessitar-se dela para lhe dar o suporte a uma dada cultura, e assim como essa mesma comunidade.

De acordo com Hobsbawn (1998, *apud*, SANTANA, 2012, p.50), “a língua representa o mundo em que vivemos e, num processo circular, o mundo que vivemos é representado pela linguagem”. A partir dessa visão de mundo, compreendemos que a língua faz parte de toda comunidade linguística, porque é a partir dela que nos comunicamos pela imagem e pela significação.

Conforme aponta Tylor (1871, apud, SANTANA, 2012, P.50), “o termo cultura é compreendido como um conjunto complexo, incluindo os saberes, as crenças, a arte, os modos, o direito, os costumes, assim como toda disposição ou uso adquirido pelo homem vivendo em sociedade”. Também Chianca (2010, *apud* SANTANA, 2012, p.50) conceitua cultura nessa mesma perspectiva e reforça que “a cultura é algo da qual a existência é inerente à condição humana coletiva, ela é um atributo distintivo”.

Compreendemos, a partir das manifestações oriundas de elementos culturais e coletivos que, uma vez resultando da forma pela qual são utilizadas e compartilhadas em grupo, as afirmações linguísticas são consequentes culturais. A linguagem permite-nos fazer leituras de mundo de formas distintas e particulares, por isso é possível expressar-se por meio de imagens e metáforas.

Refletiremos a seguir, sobre uma considerável discussão da importância cultural na língua, numa visão antropológica da cultura, salientando qual a sua concepção em relação ao conceito da cultura. Matos resume o nosso propósito em questão:

“Mais importante do que tentar uma definição de cultura de tipo essencialista, tarefa provavelmente votada ao fracasso, será procurar uma caracterização de cultura relevante para a questão que mais nos importa aqui, a saber, a sua relação com a linguagem. E verificar se ela pode ser articulada de forma consistente com a caracterização de comunicação que acabámos de referir.” (MATOS. 2003.p.395)

De uma forma relevante, percebemos que o conceito da cultura na visão antropológica não é só da representação simbólica, mas também de como a comunidade organiza a cultura e como a utilizam, através dos significados e imagem a volta disso. Nessa mesma linha de pensamento, na visão de Roy D’ Andrade (1990, apud MATOS, 2003, p.396) as culturas são “sistemas aprendidos e partilhados de significado e compreensão, comunicados fundamentalmente por meio da língua natural”

2.2. LÉXICO

O léxico é um dos meios do desenvolvimento de uma língua como um instrumento de uso e comunicação. O conhecimento do léxico e sua aprendizagem são importantes para nossa comunicação. No entanto, esta aprendizagem não deve se basear só na sua ampliação da comunidade linguística, mas sim, deve proporcionar os conhecimentos dos traços funcionais das palavras como unidades linguísticas, em todas as suas dimensões estruturais, pragmáticas, semânticas e sociais. (SILVA, 2006)

Segundo o dicionário ²Houaiss, o léxico é uma “reunião de todas as palavras que existem numa língua.” Antunes (2012) postula que o léxico de uma língua pode ser determinado, de forma global, como “o amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação” (ANTUNES, 2012, apud CUNHA, 2017, p. 25).

Já para Ramos (2012, p.263):

“O léxico é o nível linguístico que melhor e mais imediatamente expressa o dinamismo da língua e descortina nosso modo de ser e estar no mundo, isso é, dá a conhecer o jeito como um grupo social categoriza o mundo a sua volta.”

Na opinião de Cunha e Ferraz (2012, p. 01) “o léxico é sem dúvida o componente da língua que mais recebe diretamente o impacto dos acontecimentos sociais e culturais”. O léxico de uma língua tem as possibilidades de expandir e incorporar novas palavras para seu falante, ou seja, o falante de uma língua deve saber das possibilidades que o léxico tem para seu espaço na comunidade linguística. Dessa forma, Basílio (1987, apud CUNHA, 2017, p.24) acrescenta também que o léxico é concebido como um agrupamento de regras que são empregadas para estabelecer divisão dos vocábulos praticáveis na língua. Lewis (1993) acrescenta ainda que:

“Dentre as palavras que fazem parte desse repertório, que Basílio (2011) chama de léxico externo, uma vez que pode ser verificado nos enunciados, podemos citar dois grandes grupos: as lexias simples ou palavras individualizadas e as lexias complexas. Como lexias simples, podemos citar todas as palavras que são compostas por apenas um componente lexical, ao passo que a lexia complexa apresenta, pelo menos, dois componentes como, por exemplo, as colocações, as expressões institucionalizadas, os verbos frasais, as expressões idiomáticas e as composições sintagmáticas” (LEWIS, 1993, apud CUNHA, 2017, p. 24).

Dessa forma, o léxico é composto dessas categorias das frases que são denominadas de palavras e de frases como, as lexias simples, compostas e complexas, que constituem lexemas de estrutura formal diferente.

De acordo com Silva (2006, p.11) “as lexias são formas e estruturas linguísticas de natureza diferente” e as suas caracterizações comuns consistem na sua acumulação no léxico, e na parte da consciência linguística que abrange as unidades denominativas, e em que elas

² <https://www.dicio.com.br/houaiss/> -Acesso: 15-agost. 2017

exercem uma função denominativa para fenômenos da realidade. Por isso, elas têm diferentes condições que são cumpridas por palavras simples, denominadas por lexias simples e palavras compostas, denominadas lexias compostas. Além disso, por palavras complexas, as lexias complexas. Assim, as lexias podem ser simples, compostas e complexas. (SILVA,2006).

São exemplos de expressões no guineense, *pis* (peixe), uma lexia simples, *pis-kabalu* (hipopótamo), uma lexia composta, *sta di/ku bariga* (literalmente, estar com barriga) no seu sentido figurado, estar grávida.

Como podemos reparar, a lexia simples é monolexemática, isto é, constitui-se de um só radical, de um único lexema, com ou sem afixos. Assim, a lexia simples coincide com a noção de palavra simples e de palavra derivada da gramática tradicional. A lexia simples se combina com outras lexias simples para formar novas unidades lexemáticas: a lexia composta, como vimos no segundo exemplo (palavra composta), o que Pottier (1974, apud SCANTAMBURLO, 1999, p.144) determina como resultado de uma integração semântica. Assim, podemos compreender que as lexias compostas são polilexemáticas, melhor dizendo, contêm mais de um tema ou radical. A lexia composta consiste em pôr lado a lado duas lexias simples ou derivadas, ligadas pela significação. Escrevem-se simplesmente aglutinadas ou justapostas separadas ou não por um hífen.

Segundo os exemplos de Basílio (2001), são conhecidos como lexia composta palavras como: planalto, aguardente, vaivém, rubro-negro, beija-flor, caneta-tinteiro, porta-bandeira etc. Tomaremos com base nesses exemplos, as palavras composta no Guineense, como: *Gurda-tchuba*, (guarda-chuva) *abri-lata*, (abre-lata) *laba-remu*, (gorjeta/recompensa) *sol-mansi*, (amanhecer) *iran-segu*, (serpente boa) *susu-corson*, (mau\má), para citar exemplos com hífen. Além desses, temos outros, sem hífen, como podemos ver em: *banana di fin di fera*, (maria-mole) *rasa banana* (resistente\ persistente) *rasa tchebem* (perigoso) (exemplos retirados de Scantamburlo (1999, p.144)).

A lexia complexa também é considerada lexia polilexemática, pois é constituída de uma sequência lexemática, com dois ou mais lexemas, que, em virtude de seu uso constante na língua, acabam por se transformar em construções fixas, num processo de lexicalização semântica, adquirindo significado único, em graus diversos. Como podemos ver no exemplo anterior de lexias complexas.

Das lexias complexas fazem parte os fraseologismos possuindo, como unidades denominativas, equivalência de palavras. Por isso é que as lexias complexas podem ser chamadas de lexias fraseológicas ou unidades fraseológicas, o foco desse estudo.

De acordo Silva (2006, p. 12) “enquanto as palavras normalmente são constituídas de um único corpo, os fraseologismos compõem-se de vários formativos que formalmente podem ser considerados como palavras e assim como frases”.

Ainda sobre o conceito de léxico, Ferraz (2006) salienta que o léxico é um agrupamento aberto, por estar sempre em expansão de todas as lexias que pertencem ao léxico de uma dada língua. Ainda frisa que o léxico - que também é chamada de lexias- é um complexo aberto de unidades lexicais de uma determinada língua que está em organização do falante para que este possa exprimir-se. Em consonância com isso, Scantamburlo (1999) aponta que:

“ É sobretudo a nível do léxico que o Crioulo Guineense apresenta uma capacidade, sempre em aberto, de fazer empréstimos e de criar neologismos. Este tipo de criatividade lexical depende do ambiente sociocultural e linguístico dos locutores e demonstra como as línguas africanas de substrato têm tido um papel importante na formação do Crioulo Guineense”. (SCANTAMBURLO, 1999, p.78).

Tendo em vista esse ponto, o guineense, como uma língua de um mosaico linguístico e cultural é, a unificação dos mais variados grupos étnicos existentes na Guiné-Bissau, e em confronto com língua portuguesa como sendo a língua oficial do país, conseqüentemente, ela estará em aberto para receber ou fazer empréstimos dessas línguas a volta dela, bem como criar neologismo como qualquer outra língua.

Em conformidade com a perspectiva social, Cunha (2017, p.25) argumenta que “o caráter dinâmico do léxico se torna uma das características mais marcantes desse componente da língua, pois o léxico tem a capacidade de incorporar e refletir as mudanças sociais que ocorrem dentro de uma comunidade linguística”. A autora reafirma a possibilidade de o léxico se adaptar às mudanças na formação de novas expressões ou nos vocábulos e também outras antigas podem ou caem em desuso.

Ferraz (2006, *apud* CUNHA, p. 26) aponta que,

“uma das características universais mais marcantes das línguas naturais é a mudança. Dada a dinamicidade da linguagem humana, podemos verificar o fenômeno da mudança se manifestando em todos os níveis linguísticos (fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático), mas de forma mais evidente no nível lexical. [...]. À medida que ocorrem mudanças sociais, a língua se adapta a essas mudanças e produz novas unidades léxicas. Um dos recursos de que se utilizam as línguas para a sua continuidade é a inovação lexical. A língua que não se atualiza acompanhando a atualização da sociedade corre o risco de desaparecer por estagnação. [...] A criação de palavras novas e a reutilização de palavras já

existentes a partir de novos significados constituem um processo geral de desenvolvimento do léxico de uma língua.”

O guineense, como uma língua que provem de um surgimento de emergência e com tempo se estabilizou na sua comunidade linguística, obteve o léxico derivado de outras línguas, como o português e uma estrutura gramatical das línguas africanas. De acordo com Scantamburlo (1999, p.34) “os locutores aproveitaram-se do léxico da língua base, o português e/ou o Saber, utilizando a estrutura gramatical das próprias línguas africanas”.

Manessy (1995, apud SCANTAMBURLO, 1999) opina sobre a perspectiva linguística, apontando que o princípio da ‘crioulização’ não deve ser classificado na remodelação mais ou menos profunda dos mecanismos da língua-mãe, mas na expressão de categorias semânticas específicas do universo cultural dos seus locutores.

O guineense, ao longo do tempo, sofreu profundas transformações, ou seja, alterações, em decorrências do contato com as línguas africanas, as quais convivem juntos em Guiné-Bissau. Sem dúvida essas línguas em qualquer das formas, enriqueceu muito o guineense, especialmente no âmbito do léxico e vocabulários.

Partindo desse princípio, o léxico é visto, nesse estudo mais voltado para as unidades fraseológicas do guineense que as características das expressões do guineense retratam as questões linguísticas dessa comunidade de fala. Em função disso, através do estudo da língua, será possível mostrar as singularidades sociocultural-linguísticas de uma comunidade de fala, bem como compreender, entender, ressaltar questões extralinguísticas que se concretizam no léxico.

2.3 FRASEOLOGIAS

Começaremos por abordar brevemente o conceito da fraseologia. Segundo a definição do dicionário Houaiss, a fraseologia é “o estudo das frases feitas, fossilizadas, estereotipadas em sua forma e sentido. Torneios de frase característicos de uma”.³

De acordo com Welker (2004, p. 162, apud PEDRO, 2007, p.30), a fraseologia “pode ser considerada uma área da lexicologia ou pode ser conceituada como uma ciência paralela à lexicologia”. Ainda para esse autor a fraseologia é caracterizada por um conjunto

³ <https://www.dicio.com.br/houaiss/> acesso: 17 out.2017

dos fraseologismos, e por outro lado, também é descrita como uma ciência que estuda as unidades fraseológicas.

Para alguns teóricos, como Silva (2006), a fraseologia é um campo que atenta em estudar as unidades fraseológicas de uma língua e é tida como subdisciplina da lexicologia. No entanto, a palavra, ou seja, o termo julgado como a fraseologia é evasivo, como podemos ver na afirmação da Silva (2006, p. 13):

“O termo fraseologia é ambíguo. Se por um lado compreende-se por fraseologia o conjunto dos fraseologismos, o inventário de locuções fraseológicas, quer dizer o fraseoléxico de uma língua, por outro lado, fraseologia refere-se à subdisciplina linguística em questão, quer dizer à investigação fraseológica que tem por tarefa a pesquisa do fraseoléxico.”

Já para Lukešová (2012), a fraseologia pode ser vista como um ramo da linguística que abrange, desde uma vista determinada, ciência, da pesquisa das unidades fraseológicas, isto é, “expressões, enunciados fraseológicos e frases proverbiais, e, num sentido mais amplo, de refrões, dialogismos, aforismos, vocabulário técnico, fórmulas, etc” (LUKEŠOVÁ, 2012, p. 8).

Ruiz Gurillo (1997, apud PINTO, 2015, p.24) também salienta que objeto de estudo da fraseologia, são as unidades fraseológicas, que vão desde locuções e provérbios até refrões, aforismos, locuções, dentre outras formas de expressão, ainda releva que a fraseologia é um ramo interdisciplinar da linguística com propriedades específicas.

De acordo com Bally (1951, apud, CAMACHO, 2008, p.14), a fraseologia “seria uma submacroárea da lexicologia e se dividiria em ‘fraseologia popular’, que estuda os idiomatismos, os provérbios, as gírias, os ditados e em ‘fraseologia técnico-científica’, que estuda as expressões terminológicas. Além de isso, em conformidade com autor referido, as ‘combinações livres’ são combinações lexicais que apresentam diferentes níveis e apresentariam diferentes graus de concordância, significando da maior parte aos mais extremos. Isto é, “aquelas que se decompõem imediatamente após terem sido criadas, cujas palavras presentes servem para novas combinatórias” (CAMACHO, 2008, p.14) ao passo que as ‘combinações estáveis’ são as em que as expressões largam globalmente a sua autonomia, dependendo entre si e tomando significação unicamente nessa construção. Por este motivo, esta última hipótese deu ensejo à análise por universalidade da fraseologia.

Conforme vimos até aqui nessa sessão, podemos perceber que diferentes estudiosos da área da linguística não conseguiram unificar um conceito para fraseologia, que seja equiparado aos fenômenos lexicais e individuais que abrangem essa área, sempre havendo

controvérsia na sua definição, cabe-nos aqui escolher o que vai de acordo com a perspectiva de nosso trabalho. Por outro lado, não conseguiram definir a qual disciplina atribuir o objeto de estudo das unidades fraseológicas. Desse modo, de todos os termos gerais e alguns vistos aqui, preferimos adotar a terminologia das unidades fraseológicas para o nosso trabalho, por ser mais utilizado na linguística e por pesquisadores da área sobre os sistemas fraseológicos das línguas e acreditamos que têm mais relevância para as expressões que nos propusermos analisar, em consonância com Santos (2013, p.25):

“Optamos pelo termo unidades fraseológicas por ele ser mais aceito atualmente e pelo fato de não ser um termo fechado em si, abrangendo inúmeros agrupamentos locucionais. Além disso, parece-nos haver uma tendência, por parte dos defensores da Fraseologia como área de estudo autônoma, pela utilização desse termo, embora ele também seja utilizado nos estudos fraseológicos na Lexicologia, mas em co-ocorrência com outros termos de mesmo sentido.”

Dessa forma, esse será o termo também adotado no presente trabalho.

2.4 UNIDADES FRASEOLÓGICAS

Provavelmente um falante nativo do guineense já ouviu as expressões como, por exemplo: *conbersa di magru kata obidu na kai di fola baka* ou *baka ku ka tene rabu Deus ku ta banal* (provérbio), *kguli pis pa rabu*, *quebra kudjer*, *tapa sol ku mon*, (expressões idiomáticas) ‘suportar uma humilhação em consequência de algo que se provocou ou não’, *moli korson*, *susu korson*, *guarda-tchuba* (composto). Percebemos que são expressões fixas, isto é, sempre aparecem com as mesmas palavras ou derivações lexicais e com o mesmo significado – o único, ou seja, a significação plena só é obtida com a frase completa, no seu todo. Não considerada isoladamente, mas sim, como uma a frase inteira, ou seja, compreendemos as unidades fraseológicas como uma das manifestações linguística-culturais e populares nas quais os significados não são obtidos pelas somas dos significados de suas partes, ou seja, dos seus constituintes isolados. Por exemplo: *quebra kudjer*, significa no seu sentido conotativo/metafórico ‘morrer’, e não se trata literalmente de, ‘quebrar a colher’, ou no ato de pegar na colher e quebrar ao meio, ou de um indivíduo pegar numa colher e quebrá-lo, mas sim, o fulano *quebra kudjer*, é o mesmo que o fulano morreu.

Sabemos que a unidade fraseológica se trata das lexias complexas, dessa maneira, Scantamburlo (2013, p.93), aponta que a composição das ‘lexias complexas’ são mais ‘uma

sequência fixa de palavras’ ou são expressões “ou locuções que encontram um equivalente nas línguas africanas de substrato: às vezes, é o resultado de um decalque semântico”.

De acordo com Ospina (1980 apud CUNHA, 2012, P.12), as unidades fraseológicas são todas as construções linguísticas formadas por combinação fixa de duas ou mais palavras. Por outro lado, Corpas Pastor (2001, p.91) conceitua as unidades fraseológicas como:

“unidades léxicas, formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta entre sus rasgos distintivos figuran los siguientes: "polilexicalidad, alta frecuencia de aparición y de coaparición, institucionalización, estabilidad (fijación y especialización semántica), idiomática y variación potenciales” (PASTOR,2001, p.91).⁴

Outras características podem ser evidenciadas sobre essas estruturas. Conforme aponta González Rey (2004 apud CUNHA, 2012, P. 27):

“...pluriverbalidade (pela presença de pelo menos duas unidades lexicais na estrutura); fixação dos componentes (os componentes de uma UF estabelecem uma relação estável entre si); idiomaticidade (o sentido de uma UF é compreendido através de uma leitura não composicional); iconicidade da sequência fixada (representa um mundo real, mesmo que abstrato), repetição no discurso (como as UFs são estáveis e fixas sempre se repetem com a mesma forma no discurso); e pôr fim a institucionalidade (reconhecimento pela comunidade de falantes).”

Dessa forma, quando os vocábulos que compõem a expressão ou termo abandonam de o seu sentido característico, a sua composição passa automaticamente a ter uma nova significação.

Nessa mesma linha de pensamento, Monteiro (2014, p.37) acrescenta que as unidades fraseológicas, por sua vez, “seriam aquelas em que o grau de coesão é absoluto. É o que ocorre quando as palavras que constituem a expressão perdem sua significação individual e o conjunto passa a ter um novo significado.” Ainda nos dizeres dela, os efeitos do sentido das expressões de uma unidade fraseológica não resultam da soma dos significados de cada um dos elementos, mas da sua compreensão e da reunião das partes de um todo.

Conforme Ortiz Alvarez (1997, p.194) defende, as unidades fraseológicas são “combinações de elementos linguísticos de uma dada língua, relacionadas semântica e sintaticamente, que não pertencem a uma categoria gramatical específica e cujo significado é

⁴As unidades léxicas, formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior, cujo limite superior está situado ao nível da sentença composta por suas características distintivas são a seguinte polilexicalidade, alta frequência de aparência e co-aparição, institucionalização, estabilidade (fixação e especialização semântica), idiomatização e variação.

dado pelo conjunto de seus elementos”. Para a referida autora, os elementos integrantes dessas unidades fraseológicas permanecem com certa ligação sintática-semântica que, por sua vez, averigua as construções em questão de conjuntura de unidades simples, isto é, apenas construído por único vocábulo, uma vez que o significado é dado pelo conjunto de seus integrantes e não pelos seus componentes ou melhor constituintes isoladamente.

Além disso, a representação das unidades fraseológicas é capaz de condizer com o grupo das unidades lexicais diferentes, desse modo, podem exercer funcionalidades gramaticais desiguais. (CANSANÇÃO e MARQUES, 2015). Assim sendo, Vilela (2002) completa que as unidades fraseológicas são “combinações fixas que funcionam, do ponto de vista sintático e semântico, como unidades lexicais no sistema linguístico”. Ainda em conformidade com o autor referido, as unidades fraseológicas são “[...] combinações fixas (em alguns casos, congeladas) de uma dada língua, combinações que, no sistema e na frase, podem assumir a função e o significado de palavras individuais”. Em vista disso, as unidades fraseológicas são junções das palavras que apresentam estabilidade e fixação.

Quanto à caracterização, com base no que fora discutido, podemos ter unidades fraseológicas, que são:(i) Pluriverbalidade, relacionada ao número de vocábulos na sua estrutura e também é notado na sua fixação e a repetição no discurso de uma comunidade linguística.(ii) Fixação, entendemos, como os componentes de uma unidade fraseológica que é estabelecida ou fixa numa relação estável entre si e, como sequela de sua fixidez, na maioria das vezes, se repetem com o mesmo formato na manifestação da linguagem. (iii) Idiomaticidade, está ligada à ocorrência do significado de uma unidade fraseológica ser compreendido através de uma leitura não composicional, ou seja, que o seu sentido não pode ser percebido pela soma individual dos seus elementos, mas, sim como um todo, a soma global. (iv) Frequência e convencionalidade, a primeira tem relação com a frequência da iteração, várias vezes espontânea, de estruturas pré-elaboradas, ao passo que a segunda tem a ver com as escolhas de combinação das organizações em detrimento de outras, para que seja herdada com propósitos de uma finalidade em manifestação significativa.

Assim sendo, essas são formas que podemos reconhecer nas unidades fraseológicas e, através dessas suas características, os autores referidos nesse âmbito demonstram essa sua particularidade e, como podemos reconhecer, desse modo, as unidades fraseológicas como a unidade da lexia composta, expressões idiomáticas e provérbios, tendo como as cinco características principais de modo geral, o conceito e características que transportamos em consideração da nossa seleção das unidades fraseológicas do *corpus*, que será apresentado nesse trabalho das unidades em análise.

2.5 FORMAÇÕES DOS COMPOSTOS

Conforme Alves (2014) argumenta, a norma da tradição gramatical determina a caracterização dos compostos pela fixação dos compostos lexicalizados, isto é, itens lexicais, retornando-os confusos à sua noção de agrupamento e lexicalização, o autor ainda alega que isso é um equívoco. Entretanto, para Villalva (1994, p.341-342) citado por Alves (2014), a formação de neologismos é uma posição que defende que o estudo dos compostos se limita aos compostos lexicalizados. Ainda para Alves (2014), a perspectiva dos compostos se exerce ocasionalmente, separada das noções expressas pelas suas partes, ou seja, há a anulação da composicionalidade,

Para a gramática tradicional, a “composição é um processo de formação de palavras que representa, semanticamente, uma ideia única e autônoma, e, morfológicamente, uma união de palavras, radicais ou raízes.” (ALVES,2014, p.72)

Para Scantamburlo (1999, p.90), a composição “é a formação de palavras novas por meio da junção de duas ou mais palavras lexicalizadas”

Scantamburlo (1999, p.90) acrescenta que no guineense, a composição funciona principalmente por meio de quatro processos: (i) o ‘redobro’: *djunda-djunda* (altercar), *kinti-kinti* (muito depressa), *sempri-sempri* (normalmente), (ii) as ‘lexias compostas’, (iii) as ‘lexias complexas’. Levaremos em consideração, aqui nesse trabalho, somente as lexias compostas e as lexias complexas delimitadas.

Como percebemos até aqui, o composto envolve um afixo, segundo Ilari (2001, p.15) o composto é “um elemento estável, com função sintática ou semântica predeterminada”. Para ele, o seu processo de formação, abarca a junção de uma base a outra base.

No guineense, há casos bem confusos e polêmicos e de acordo com Couto e Mello (2009, p.74) “há casos em que é difícil de saber se se trata de um composto ou de uma frase.” Para eles, é um caso de dúvida e também uma atenção na diferenciação da lexia composta como palavra e a lexia complexa como frase, vejamos o exemplo que eles propuseram: ‘óleo de fígado de bacalhau’ é aquele óleo que é comercializado sob a marca X (composto), ou é aquele óleo que foi extraído do fígado do bacalhau (frase)? Uma questão semelhante também

nos traz essas dúvidas no guineense, como na expressão de *pis-kabalu ka muri inda*, que literalmente significa ‘o peixe cavalo não morreu ainda’. No seu sentido metafórico ou figurado seria ‘aquilo que estamos esperando (para resolver uma situação) não veio ainda’ também se diz, por exemplo, quando se está à espera do almoço e este ainda nem se quer começou a ser preparado, ou quando se está à espera na fila do banco perante um guichê vazio, aparece um funcionário que parece que vai começar a atender o público, mas que abandona o guichê em seguida. Nesse contexto trata-se de uma expressão idiomática e por outro lado, existe o composto dessa frase com o nome de um determinado peixe, *pis-kabalu* (hipopótamo) que nesse caso refere-se à palavra composta, ou seja, à lexia composta e assim teremos outros exemplos como, *kau di sinta* ‘assento’. Couto e Mello (2009, p.72) classificaram-no como uma lexia composta, porém Scantamburlo (1999, p.145) o classifica como a lexia complexa. Da mesma forma, o autor classifica como lexia complexa alguns exemplos como: *dedu di tchuli* (dedo indicador); *purku di matu* (javali); *udju di pe* (tornozelo), *si deus dan mindjer* (nome de pássaro); *gurda-tchuba di sapu* (cogumelo).

Couto e Mello, (2009, p.73) apontam que é fundamental realçar que existem compostos no guineense que são semanticamente opacos e outros que são quase transparentes ou totalmente transparentes. Para Couto e Mello (2009, p.78): “Em síntese, para se averiguar se determinado complexo de palavras é um único item lexical (composto), o primeiro passo deve ser o semântico”, ou seja, se a palavra composta se refere a uma única coisa ou único ato, ou um complexo visto como unidade. Os autores referidos acrescentam que após considerar o critério semântico no composto, podemos recorrer ao critério da estrutura sintática (COUTO e MELLO, 2009) e ainda alegam de que “nenhum dos dois é suficiente. No entanto, o sintático por si só é menos suficiente [...]” (COUTO e MELLO, 2009, p.78).

Para Alves (2014) existem compostos denominados ‘exocêntricos’ e compostos ‘endocêntricos’. Os compostos exocêntricos “são expressões congeladas, diferentemente de uma palavra simples,” enquanto que os compostos endocêntricos “têm problemas complexos de análise interna, pois não são opacos do ponto de vista semântico já que têm sentido composicional (como em guarda-roupa), o sentido é interno às partes. A sintaxe interna deste tipo de sequência não é totalmente livre.” (ALVES, 2014, p.76)

Dessa forma, chegamos à conclusão de que, devemos atentar para o dado semântico. Todas as expressões foram, em um dado momento, autônomas.

2.6 EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

De acordo com Ilari (2001, p.78), as expressões idiomáticas são compostas de vários vocábulos, cujo significado e toda a montagem do sentido não podem ser obtidos pelo individualismo dos seus constituintes. Para Xatara (1998, p.170) a “expressão idiomática é uma lexia complexa ‘indecomponível’, ‘conotativa’ e ‘cristalizada’ em um idioma pela tradição cultural” (grifo nosso). Ainda para ela, a expressão idiomática é a unidade fraseológica formada pelas unidades lexicais complexas conotativas, amplamente utilizada no dia a dia, por outro lado as expressões idiomáticas são consideradas estáveis, consagradas e cristalizadas numa língua. Na procura de outros conceitos para esse trabalho, como descrito no Dicionário Houaiss (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1289, apud, VALADARES, 2016, p.41), a expressão idiomática é a:

“[...] locução ou frase cristalizada numa determinada língua, cujo significado não é dedutível dos significados das palavras que a compõem e que gera. Não pode ser entendida ao pé da letra (por ex., bater perna, falar para as paredes, bilhete azul etc.).”

Similarmente, é aquilo que a pesquisadora Xatara (1998) nos revela, esclarecendo que a expressão idiomática é uma “lexia ‘complexa’ porque tem o formato de uma unidade locucional ou frasal”; é ‘indecomponível’, porque “constitui uma combinatória fechada, de distribuição única ou distribuição bastante restrita”; é ‘conotativa’ porque “sua interpretação semântica corresponde a pelo menos um primeiro nível de abstração calculada a partir da soma de seus elementos sem considerar os significados individuais destes” e é ‘cristalizada’ porque “sua significação é estável, em razão da frequência de emprego, o que a consagra” (XATARA, 1998, p. 170) (grifo nosso). Dessa forma, para a autora, as expressões idiomáticas contêm uma combinação sintagmática fechada, de uma organização limitada ou singular. Isto quer dizer que as expressões idiomáticas dispõem da memorização restringida, podendo sofrer determinadas modificações.

Na visão de Urbano (2008, p. 40), o estudo da expressão idiomática “sem dúvida, seu estudo é cativante, pela curiosidade que desperta e pela riqueza e criatividade de suas metáforas e como fonte de enriquecimento da própria língua como um todo.” Ainda o autor postula que “são vinculadas, sobretudo ao cotidiano vivenciado pelo povo, espelhando sua índole, sua inocente e perspicaz sabedoria e os aspectos existenciais de sua própria vida.” (URBANO, 2008, p. 40).

Cunha (2012, p.01) complementa que “as expressões idiomáticas consistem em unidades fraseológicas fixas que, na maioria das vezes, não podem ser decompostas.” Isto é, por consequência, não é viável deduzir o sentido de uma expressão idiomática fazendo a soma de cada um dos seus elementos internos, visto que, os constituintes da expressão foram despejados do significado e assumiram um significado global novo, como um todo, de caráter conotativo. O seu significado de uma forma é basicamente conotativo, mesmo que tenha graus de conotações desiguais.

Em síntese, o significado de uma expressão é determinado pelos sentidos de suas partes componentes e das regras utilizadas para combiná-las.

2.7 EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NA LÍNGUA DO GUINEENSE

Quantas vezes já escutamos e falamos essas expressões: ‘pega vela’, ‘segurar a vela’, *kumé/mama iagu*, ‘ato de sair para consumir bebida alcoólica (em grande quantidade ou não)’, *sta ku dur di kutubelu*, ‘estar despeitado devido a uma decepção amorosa’, *un dedu un dedu i ta kaba puti di mel*, *un dedu un dedu ta kaba puti di mel* ‘de dedada em dedada acaba o pote de mel’, *boka ficadu ka ta ientra moska* ou *na boka ficadu i ka ta ientra moska*, ‘em boca fechada não entram moscas’.

Os idiomatismos possuem algumas características muito particulares que os diferenciam de simples junções de palavras. Por exemplo, não é possível substituir uma das palavras dessas construções acima por outra que lhe seja sinônima ou trocar do lugar, sem haver perda de sentido. Ninguém diz *rabu nguli pis* ou *pis pa rabu nguli* ou insere outro elemento fora da construção, *nguli pis diretu pa boka*, a expressão é essa, *nguli pis pa rabu*, (suportar uma humilhação em consequência de algo que se provocou ou não). *Mon ku céu tapa* ou *ku mon tapa céu*, *tapa mon ku céu*, literalmente ‘cobrir o céu com a mão’, em sentido figurado, significa um esforço malsucedido para ocultar uma asneira ou negar uma evidência. Essa expressão vem do fato de que tentar cobrir o céu com a mão, é ineficiente, pois a mão é incapaz de cobrir o céu.

Muitas vezes usamos certas expressões, mas não temos ideia do que elas significam, são expressões ou termos populares que através dos anos permaneceram sempre iguais, ou com algumas pequenas modificações sem perder os seus significados de origem.

Nestes grupos de expressões selecionados como *corpus* desse trabalho ainda será possível se verificarem outros que não são citados aqui nessa sessão.

Apesar de as expressões idiomáticas serem próprias da língua a que pertencem, mesmo sendo isso, as expressões de qualquer forma “são expressões universais visto que todas as línguas naturais fazem uso delas. No entanto, cada sociedade apresenta um conjunto de expressões que são criadas e utilizadas de acordo com suas visões de mundo e suas manifestações culturais.” (CARVALHO, 2014, p.168).

Na hipótese de as expressões idiomáticas serem de uma comunidade linguística e refletirem uma imagem de um determinado povo, suas significações, suas imagens são originalizadas por um mundo real daquela comunidade linguística, embora algumas sejam meramente universais, com o mesmo sentido. Dessa forma Jorge (2001, p.216) explicita seus pressupostos de que elas “descrevem, pelas imagens que sugerem, o mundo real, os lugares, as experiências quotidianas, os sentires” e são na realidade as simbologias refletidas pela linguagem de uma determinada cultura, através das metodologias criadas ou imaginadas por qualquer que seja a sociedade. A autora referida complementa que as expressões idiomáticas “mantêm intacto o colorido de um povo, constituem uma voz rica de sabedoria que soube imprimir na linguagem a sua identidade”.

Em vista disso, as expressões idiomáticas no guineense são, por conseguinte, as suas particularidades e características específicas da sua construção da forma que foi lexicalizada. Isso constitui a sua individualização na forma do seu léxico, dada pela comunidade linguística a que pertence. Assim, são particularidades que caracterizam um povo e representam a cultura partilhada por ele.

Carvalho (2014, p. 69) ensina que as expressões idiomáticas “não são autônomas, elas carecem de um sujeito determinado para que sejam inseridas na oração, no discurso. Estas expressões fazem parte das línguas”.

Vejam a expressão *na pirdi kabeça ku bó*, tradução literal, vou perder a cabeça contigo. Ninguém perde a cabeça e não perde a vida, não é mesmo?

Thamilton, *pirdi kabeça i bati na Valeriano*. Perder a cabeça é uma cabeça cortada? Perder a cabeça para mostrar que o grupo cabeça forma uma unidade de perder controle de algo ou com o Valeriano, e de partir para cima dele, equivalente a “perder o controle dos próprios atos”. Todos os elementos do grupo concorrem para dar uma ideia única, para tanto a palavra cabeça perde o seu gênero feminino em benefício do conjunto.

Essa expressão forma um todo que não se pode decompor nas suas partes. Se tentássemos fazê-lo, por exemplo: *cabeça pirdi ku bó* ou *pirdi ku bó na cabeça*, chegaríamos a um resultado absurdo, podemos perder uma caneta, um documento, mas não podemos perder a cabeça, a parte superior do corpo. Só em sentido figurado/metafórico que podemos

admitir esse fato. Nesses dois últimos exemplos, a expressão perdeu totalmente o valor semântico da forma que foi construída dos seus elementos trocados de lugar, ou seja, as expressões idiomáticas podem ser inseridas sujeitos, artigos definidos, substantivo e também recebe sinônimos da mesma língua, mas, nunca por trocar a sua forma que foi cristalizada na sociedade, como podemos ver no exemplo dado.

As expressões idiomáticas consistem em unidades fraseológicas fixas que, na maioria das vezes, não podem ser decompostas. O significado de uma expressão idiomática é essencialmente conotativo, ainda que possua níveis de conotações diferentes. Desta forma, não é possível depreender o significado de uma expressão idiomática fazendo a soma de seus constituintes internos, uma vez que os mesmos foram esvaziados de sentido e assumiram um sentido global novo, de caráter conotativo.

2.8 PROVÉRBIOS

Antes de partirmos para conceito do provérbio, consideramos oportuno demonstrar rigorosamente que os pesquisadores que trabalharam com os provérbios do guineense e, para isso, procurarmos saber quem são esses estudiosos e os anos das suas pesquisas e as delimitações da unidade lexical que estamos abordando nessa sessão. Temos Chataigner (1962) para Couto e Filomena (2010, p.163) o primeiro historicamente a recolher 77 provérbios na região da Casamansa (sul do Senegal) e a escrever um artigo, “que faz um apanhado geral do crioulo, incluindo 77 provérbios”. O artigo tratou da variedade do crioulo (casamansse) falada na região do sul do Senegal, Casamansa. Para os autores, “é uma variedade muito mais conservadora do que a da Guiné-Bissau, sobretudo porque perdeu o contato com a língua portuguesa desde o final do século passado” (COUTO e FILOMENA, 2010, p.163). Como pudemos constatar, nos provérbios guineenses, aí também podemos notar a influência do léxico da língua e um pouco da cultura portuguesa.

Em seguida temos Biasutti (1987), segundo Couto e Filomena (2010), que elaborou um dicionário guineense-português. Em apêndice o autor elencou 60 provérbios, vários deles são reproduzidos por notas manuscritas de Andreoletti. Por outro lado, temos o pesquisador Bull (1989), o autor é falante nativo do guineense, só para frisar que os outros autores citados aqui são todos estrangeiros que tiveram o contato com o guineense ou se interessarem por estudá-lo. Bull no seu livro *O crioulo da Guiné-Bissau- filosofia da sabedoria*”, tem uma parte do livro, da página 129 a 156, dedicada somente aos provérbios, são no total 95 provérbios, com a tradução em português e com comentários bastante detalhados.

O autor do livro deixou claro que estudou 143 provérbios na sua tese, conseguiu somente interpretar 95 provérbios no seu capítulo dedicado aos provérbios guineenses e é a primeira tentativa de interpretação desses provérbios de acordo com Couto e Filomena (2010). Já para Montenegro (1994a, b), segundo Couto e Filomena (2010), autora também apresenta uma boa explanação desta manifestação linguística do guineense. De acordo com o ensaio de Montenegro (1994b), “além de ser o estudo mais detalhado sobre a paremiologia guineense, contém muitos exemplos, podendo ser consultado também nesse sentido”. (COUTO e FILOMENA, 2010, p.163), para ressaltar que autora viveu por muitos anos na Guiné-Bissau, por isso ela conhece bem a cultura do país.

Com relação a Andreoletti (1984), segundo Couto e Filomena (2010), temos a maior paremiográfica crioula já publicada de coleção de provérbios do guineense até então, contendo 466 provérbios. Mas, não forneceu tradução e nem comentários acerca desses provérbios coletados. Conforme Couto e Filomena (2010, p.163) “parece que não foi feita uma revisão da publicação. Entretanto, tem o mérito de ser o primeiro livro inteiramente dedicado só aos provérbios guineenses. Vale dar mérito por trabalho feito e livro publicado.” Por fim, Couto e Filomena (2010) elencaram 46 provérbios e encontra-se além de interpretação de alguns provérbios, várias referências bibliográficas, inclusive comentários sobre as tarefas da paremiologia.

Para chegarmos a sugerir um conceito do provérbio, tivemos certamente de investigar inúmeras vias entre definições, propostas por linguistas e pesquisadores nessa área.

Segundo o Dicionário Houaiss, o provérbio é “uma frase curta de origem popular, frequentemente com ritmo e rima, rica em imagens, que sintetiza um conceito a respeito da realidade ou uma regra social ou moral, integrando algum tipo de alegoria ou ensinamento”, a exemplo do provérbio em guineense: *Kaseké ka ta medi iagu kinti*, que significa no seu sentido figurado ‘a perseverança traz resultados’; equivalente ao provérbio em português brasileiro que se diz ‘água mole em pedra dura tanto que bate até que fura’, os provérbios guineenses, refletem sobre a carga cultural do guineense que vai além da produção de sentidos dos provérbios, e também perpetuam conceitos ideológicos cristalizados na sociedade e na comunidade linguística.⁵

Cunha (2012, p.33) argumenta que o provérbio faz parte do estudo da paremiologia, a área que estuda o provérbio e ainda alega que a paremiologia como uma disciplina autônoma e componente da fraseologia, cuja função consiste em descrever, classificar, dar informações

⁵ <https://www.dicio.com.br/houaiss/> Acesso dia 20 de novembro de 2017

relacionadas a etimologias e a pragmática dos provérbios. De acordo com Corpas Pastor (2017, p.262) que comenta sobre a especialidade da paremiologia, que encarrega dos estudos dos provérbios, afirma que “são considerados um repositório de sabedoria popular, cf. o folclore popular” (CORPAS PASTOR, 2017, p.262).

Para Brito e Santos (2016, p. 167), “os provérbios são expressões populares usadas para transmitir conhecimento e experiências de vida, com a finalidade de orientar ou mesmo aconselhar em situações do cotidiano”. Os provérbios estão no nosso dia a dia, usados na linguagem falada, simbolizando a cultura de um povo, que dessa forma está presente na comunicação, seja ela informal ou formal.

Succi (2006), propõe alguns critérios que caracterizam os provérbios como enunciado proverbial, uma construção de um grupo de palavras para dar um único significado de uma forma global da mensagem a ser transmitida, ou seja, o seu critério semântico, em que uma construção do vocábulo é uma construção a partir do mínimo em duas unidades. (SUCCI, 2006, p. 16). Ainda de acordo com autora referida, por não assimilar com as definições propostas pelas especialistas, argumenta da seguinte maneira: “de fato, nenhum autor moderno ou antigo, mais ou menos reconhecido, conseguiu formular uma teoria sobre provérbio, mas preferimos tentar delimitar suas fronteiras”. (SUCCI,2006, p.31) A autora procurou fazer um levantamento de elementos e considerou-os como as características principais para definir um provérbio, como podemos reparar a seguir:

“Para nós ‘provérbio é uma UL fraseológica relativamente fixa, consagrada por determinada comunidade lingüística que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula em enunciados conotativos, sucintos e completos, empregando-os como um discurso polifônico de autoridade por encerrar um valor moral atemporal ou verdades ditas universais e por representar uma tradição popular transmitida até milenarmente entre as gerações.” (SUCCI,2006, p.31) (grifo do autor).

Concordamos com essa definição da autora, nesse trabalho propusemo-nos fazer uma análise do provérbio no critério de nível semântico. Dessa forma, elencamos e analisamos algumas outras unidades fraseológicas desde o início desse trabalho, tais como lexia composta, expressões idiomáticas e por fim os provérbios, considerando-os como ramo da paremiologia que abarca os provérbios (e ainda faz parte do conjunto do fraseologismo) como expressões consideradas fixas da língua, “a paremiologia é pois um subconjunto da fraseologia, por ser considerada a fraseologia como uma expressão constituída por pelo menos dois lexemas que têm entre eles relações sintagmáticas e algum grau de

fixação”(JORGE,2014,102). Destarte, consideramos os provérbios como uma unidade fraseológica, conotativa e fechada.

Considerando a definição acima referida incompleta em alguns pontos, acrescentaremos outro ponto de vista de Klein (2006) de acordo com a sua opinião “entendemos ser o provérbio uma unidade léxica (UL) complexa que não permite que o seu significado seja calculado pelos significados isolados de cada uma das ULs simples contidas em seu interior”.

“Isso equivale a dizer que para um enunciado ser identificado fraseologicamente como provérbio, a compreensão semântica global desse enunciado só será alcançada considerando-se o conjunto de seus constituintes.” (KLEIN, 2006, *apud* SUCCI e XATARA, 2008, p.35).

Os provérbios por serem considerados como representantes de um patrimônio cultural de uma determinada comunidade linguística que tem a sua riqueza própria e por outro lado por disporem de um valor de dimensão histórica, cultural e universal. Além do mais, os provérbios são ensinamentos dados para as futuras gerações pelas experiências vividas pelos nossos antepassados, compreendendo avisos, conselhos, chamadas de atenções, desafios da vida cotidianamente.

A Guiné-Bissau, como qualquer cultura e comunidade linguística, tem os seus provérbios e suas especificidades do léxico, mesmo pelos provérbios, que são considerados universais, na sua construção lexical do guineense para o português, não será a mesma questão da grafia, mesmo que seja diferente pela forma, mesmo também pela construção dos léxicos, por mais que tenha um sentido global ou seja uma significação para todos. E por aqui, estudaremos exclusivamente alguns dos provérbios da língua e da cultura linguística do guineense, as expressões proverbiais usadas nessa comunidade linguística, detentoras da sabedoria tradicional, como por exemplo: *bolta di mundu i rabu di pumba, mursegu kuma i na misa Deus, riba di si kabesa k' si urina ta kai, baka ku ka ten rabu Deus ku ta banal, mandadu ta frianta pe, ma i ka ta frianta korson.*

Corpas Pastor (1996) citado por Santos (2013, p.24) ensina que os provérbios têm uma associação com as concepções de uma motivação semântica inerente aos meios das crenças, símbolos e a sabedoria popular. Por outro lado, a sabedoria popular manifesta-se por meio do aspecto de verdade geral. A compreensão dos provérbios do seu significado padrão depende apenas do conhecimento do indivíduo daquela comunidade linguística, ou seja, “a interpretação do provérbio no discurso depende, ainda, de outros fatores, tais como fatores

contextuais, ativação de mecanismos de inferência baseados no conhecimento enciclopédico dos falantes, reconhecimento da intenção comunicativa do falante” (SANTOS, 2013, p.24).

Para caracterização do provérbio *Corpas Pastor* (1996) citado por Santos (2013, p.20) elenca algumas das seguintes características da sua forma do reconhecimento o que o torna diferente das outras expressões tratadas aqui nesse trabalho, vejamos:

- a) Oferecem um alto grau de generalidade;
- b) Os provérbios constituem enunciados introduzidos como tais no discurso e não permitem trocas, salvo as questões de concordância;
- c) Os provérbios são unidades de fala, enquanto as expressões idiomáticas (EIs) fazem parte do sistema da língua;

Por outro lado, a) lexicalização; b) autonomia sintática; c) autonomia textual; d) valor de verdade geral; e) caráter anônimo.

O critério da lexicalização é o primeiro requisito e está presente em toda unidade fraseológica, como já mencionamos em outras sessões desse trabalho, não sendo, portanto, uma característica exclusiva dos provérbios. Só faz sentido a unidade fraseológica a partir da combinação das generalidades que a constituem. Se modificarmos esse exemplo do provérbio guineense a sua construção proverbial, *sombra di pé di kuku, i ka ta taja si fidju* e somarmos o significado de cada uma de suas unidades lexicais não chegaremos ao significado do provérbio, do seu sentido metafórico ou figurado. Por isso que o seu significado só pode ser apreendido a partir de uma interdependência entre o léxico que o compõe. Os provérbios são, portanto, construções lexicalizadas. (SANTOS,2013)

De acordo com Santos (2013, P.21): “A autonomia sintática diz respeito ao fato de as unidades da terceira esfera, ou seja, os enunciados fraseológicos não necessitarem de se combinar com os outros elementos do discurso. A autonomia textual é a característica que distingue os provérbios das fórmulas rotineiras que dependem da situação e da circunstância”. E ainda, conforme ele a autonomia “textual proporciona aos provérbios a possibilidade de funcionar como enunciado completo, com caráter de texto” (SANTOS, 2013, p.21). Para a finalização dessa sessão, em síntese, os provérbios são uma manifestação de um povo e é manifestação linguística da sociedade com a herança de histórias transmitidas de geração em geração, de mito, lenda, valores transmitidos, normas, padrões, princípios, recordação de experiências vividas, lembrança de memória, dogmas religiosos, doutrina, preceito,

mandamento, dogma, norma, isso tudo é uma categoria da tradição, como podemos perceber que eles fazem parte do conceito de provérbio, porque fazem parte dos discursos citados que passaram de geração em geração e toda comunidade linguística o contem como tradição herdada.

3. METODOLOGIA

A metodologia desse trabalho foi desenvolvida através de uma pesquisa descritiva qualitativo-analítica, que proporcionou uma descrição do objeto de estudo por meio da identificação das unidades fraseológicas no livro da autora Teresa Montenegro, *Kriol tentos e expressões* (2007) bem como o trabalho de Hildo Honório Couto e Filomena Embalo (2010), *III-Capítulo: Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau: um país da CPLP*, Couto e Mello (2009), *Os compostos no crioulo português da Guiné-Bissau*, Luigi Scantamburlo (1999) *Dicionário do Guineense e Notas Gramaticais, Volume I*. Isto garantiu uma maior eficácia no desenvolvimento do nosso trabalho, antes de selecionarmos essas expressões, tivemos ainda uma revisão da literatura sobre as unidades fraseológicas, isso permite-nos obter conhecimentos para sua catalogação nos materiais utilizados para recolha das unidades fraseológicas do nosso trabalho. Quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa de base qualitativa, fundamentada pela relação contextualizada entre o objeto pesquisado.

A pesquisa foi predominantemente qualitativa, considera-se nesse enfoque uma relação dinâmica entre o uso das expressões do léxico em guineense (crioulo) e a subjetividade da análise linguística presente na descrição das unidades fraseológicas.

O *corpus* deste trabalho foi inicialmente composto por um levantamento criterioso das unidades fraseológicas do léxico em guineense em análise, extraíndo dele algumas expressões que consideramos expressões idiomáticas, composto e provérbios, conforme os critérios e características previamente estabelecidas como esses:

- ser formada por várias palavras;
- estar institucionalizada, ou seja, convencional devido ao uso frequente;
- possuir estabilidade, visto que seus componentes mantêm certa ordem;
- apresentar algumas particularidades semânticas ou sintáticas;
- ser passível de modificações nos elementos que as integram. (LUKEŠOVÁ, 2012.p.9)

Foram escolhidas unidades fraseológicas para análise nesse trabalho, foram selecionadas as expressões das unidades lexicais (UFs) na descrição dos quadros e alguns exemplos nas fundamentações teóricas e expostos nas três tabelas de descrição das unidades fraseológicas. As matérias consultadas para extração de algumas expressões, as fraseologias do estudo em questão, todas escolhidas pertencentes ao grupo das unidades fraseológicas em estudo, composto, expressões idiomáticas e provérbios, isto é, Unidades Lexicais (UFs) cuja principal característica é a não composicionalidade semântica (o significado do todo não é obtido pelo significado das partes da expressão) o que as caracteriza como metafóricas:

- 1º Escolha das unidades fraseológicas a serem estudadas e analisadas;
- 2º Estabelecimento de um critério de análise;
- 3º Análise individual de cada expressão escolhida;

A análise das unidades fraseológicas, em questão nos permite conhecer os significados semânticos e literais, a partir do léxico dessa língua considerando que as expressões refletem a cultura do povo que as utiliza.

Para a recolha e análise das unidades fraseológicas do léxico em guineense, sendo os dados recolhidos através desses meios e uma revisão da literatura sobre a temática da linguística, mais especificamente no léxico das fraseologias.

Na sequência de uma recolha de informação sobre a existência dessas expressões, consideramos incluir a maioria das unidades fraseológicas que foram transcritas e aparecem duas ou três vezes pelo menos nesses materiais consultados mencionados anteriormente. Não que seja a mais certa e de forma mais correta, dado que pode corretamente acontecer de uma unidade fraseológica ter sido transcrita por apenas um autor que será muito menos usado. Tratamos de encontrar essas expressões do contexto e do aspecto cultural do guineense.

4. ANÁLISE DOS DADOS - LEXIAS COMPOSTAS

Passamos a tratar da análise dos dados recolhidos dos *corpora* considerados. Segue a tabela 1:

Tabela 1: Descrição do composto do critério de uma integração semântica e com a estrutura do sintático como o seu auxiliar.

Palavras compostas	Composto de	Significado semântico
<i>Pis-kabalu</i>	Pis (peixe) e dekabalu (Cavalo)	Hipopótamo
<i>Susu-korson</i>	Susu (suju) Korson (Coração)	Mau/má
<i>Sol-mansi</i>	Sol (sol) e de mansi (amanhecer)	Amanhecer
<i>Raca-tara</i>	Raca (romper) a tara (tara)	Namorar
<i>Laba-remu</i>	laba (lavar) o remu (remo)	Corteja
<i>Manda/leba-kabás</i>	Manda (Mandar/levar) a kabás (cabaça)	Dote
<i>Limpu-boka</i>	Limpu (Limpa) a boka (boca)	Eloquente, que fala bem
<i>Abri-lata</i>	Abri (abrir) e de lata (latas)	Abre latas
<i>Iram-segu</i>	Iran (espírito) e de segu (cego)	Serpente boa/pitão, boa, Sucuri
<i>Baguera-brabu</i>	Baguera (abelha) e de brabu (bravo)	Vespa
<i>Pega-tesu</i>	Pega (pegar) e de tesu (teso)	Preservar, segurar
<i>Fala-faladu</i>	Fala (falar) e de faladu (falado)	Discussão
<i>Fala-fikadu</i>	Fala (falar) e de fikadu (ficado)	Promessa
<i>Fala-filadu</i>	Fala (falar) e de filadu (filado)	Acordo
<i>Kala-kaladu</i>	Kala (calar) e de kaladu (calado)	Silêncio
<i>Guara-tchuba-di-sapu</i>	Guarda (guardar) e de tchuba (chuva) e de di (de) e de sapu (sapu)	Cogumelo
<i>Si Deus dan mindjer</i>	Si (se) e de Deus (Deus) e de dan (dá-me) e de mindjer (mulher)	Nome de um pássaro
<i>Udju-di-pe</i>	Udju (olho) e de di (de) e de pe (pé)	Tornozelo
<i>Kau-di-sinta</i>	Kau (lugar) e de di (de) e de sinta (sentar-se)	Assento
<i>Purku-di-matu</i>	Purku (porco) e de di (de) e de matu (floresta)	Javali
<i>Laba-kurpu</i>	Laba (lavar) e de kurpu (corpo)	Banhar-se
<i>Mora-juntu</i>	Mora (morar) e de juntu (juntos)	Coabitar
<i>Bida-magru</i>	Bida (virar) e de magru (magra)	Emagrecer
<i>Paña-raiba</i>	Paña (ficar) e de raiba (raiva)	Enfurecer-se
<i>Banana di fin di fera</i>	Banana (banana) e de Fin (fim) e de fera (feira)	Indolente, pouco enérgico, molengão, maria-mole.
<i>Mara-panu</i>	Mara (amarrar) e de panu (pano)	Deflorar

4.1. ANÁLISE DA LEXIA COMPOSTA

Um das características da lexia composta é que seu significado não é a simples soma dos significados de seus constituintes.

A partir desse quadro da lexia composta, analisaremos só as cinco (5) palavras-compostas escolhidas dentro desse quadro e apresentadas na análise.

4.2 TRANSPARÊNCIA/OPACIDADE NOS COMPOSTOS GUINEENSES

Couto e Mello (2009, p.72) sugerem que “os complexos vocabulares que podem ser encarados como compostos de algum modo no guineense podem apresentar transparência total; transparência parcial; ou transparência zero, ou opacidade”. Dessa forma, adotamos nesse trabalho o mesmo critério para análise dos compostos, vejamos em:

- (1) transparência total: *Baguera-brabu* ‘vespa’ *kau-di-sinta* ‘assento’;
- (2) transparência parcial: *susu korson* ‘mau/má’, *sol-mansi* ‘amanhecer’; *solnotsi* ‘anoitecer)
- (3) transparência zero ou opacidade: *pis-kabalu* ‘hipopótamo’, *purku-di-matu* ‘javali’

A classificação dos itens (1), (2) e (3), em alguns dos casos, o significado é transparente, isso é visto no primeiro (1º) item, classificação de *baguera-brabu*, mostra adicionalmente, que poderíamos estabelecer escala de lexicalização nos termos compostos, sendo de uma forma de referir um tipo de abelhas que são munidas de um ferrão venenoso que produz picadas muito dolorosas e dessa forma que a sua composição é formada de um tipo de abelha, bravo, isto é, abelha+bravo, e nunca seria possível a uma troca de elementos para outro tipo e o mesmo não faria o sentido.

Na lexia composta de *kau-di-sinta* ‘assento’ temos uma lexicalização bem forte, por já ser dessa forma e não requer uma substituição do elemento e nem a troca de outro elemento. Significa um objeto para se sentar. E não podemos dizer dessa forma, *sinta-kau-di* ou *di kau sinta*, não é possível esse tipo de mudanças e transformações.

Na classificação do terceiro (3º) item, como em *pis-kabalu* ‘hipopótamo’, *purku-di-matu* ‘javali’, a forma composta descreve as características gerais do nome *pis-kabalu*, que é um tipo de peixe denominado, que passa então a ser o referente da forma composta,

‘peixe+cavalo’ embora nesta possam deixar de figurar elementos essenciais. Ainda em *pis-kabalu* ‘peixe-cavalo’ temos um caso misto, trata-se de um peixe descrito metaforicamente. Nas denominações metafóricas por composição, podemos reconhecer a metáfora, uma vez conhecido o significado. Mas não podemos inferir o significado através da simples observação das formas.

Desse modo, *pis-kabalu*, podemos inferir que o nome da denominação é um tipo de peixe que se caracteriza por ter alguma aparência de cavalo. Não podemos pegar nessa composição para alterá-lo, por exemplo, dizer, *kabalu-peixe*, essa aqui, não seria possível, por já ser fixa e cristalizada dessa forma e não teria a mesma significação do nome de um tipo de peixe ou se pegamos nessa composição e dizer ‘peixe’ e ‘cavalo’ poderia ser qualquer tipo de peixe e não especificamente esse tipo de peixe, e também poderia ser um cavalo normal e não *pis-kabalu*.

Resumindo, o distanciamento entre o significado do todo e o significado das partes é normal nas formas compostas pela própria função da nomeação; esse distanciamento é especialmente acentuado no caso das formações metafóricas. Por isso, “o seu significado é obtido como um todo e não individualmente”. (BASSILO,2010, p.33). E já na palavra composta, *purku-di-matu* ‘javali’ também, vimos que é um determinado tipo de porco que vive na floresta, e a sua denominação é especificada, por ser um nome+adjetivo, então não seria qualquer porco e sim tem que ser o porco que vive na floresta, não podemos dizer ‘*matu*’ e ‘*purku*’ e nem o *purku-di- iagu*, nesse caso, não manteriam o seu valor semântico da forma opaca de *purku-di-matu*. Com isso, o composto não nos permite de acrescentar um vocábulo ou de trocá-lo, por já ser fixa e cristalizada a sua composição e não teria o mesmo valor semântico.

Os exemplos das transformações exemplificadas do item (3) são proibidos, ou seja, impossível a sua transformação em compostos como sendo (congelado), caso de interesse é o da nomeação metafórica. O composto funciona sintaticamente como uma só palavra. Sempre pode ser substituído por um único vocábulo. A ordem de sucessão dos termos dos compostos é rígida e entre eles não se pode introduzir nenhum outro elemento, como podemos verificar nos exemplos citados anteriormente e as suas transformações que não é possível fazê-lo para ter o significado do que se refere. *Pis-kabalu*, mas não *kabalu-peixe* e em *purku-di-matu*, mas não *matu-di-purku* adjetivos só podem ser colocados antes ou depois, nunca no interior do composto.

4.2.1 ANÁLISE DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DO GUINEENSE

Na tabela 2, seguem-se as expressões idiomáticas do guineense, recolhidas do *corpus* investigado.

Tabela 2- a descrição das expressões idiomáticas do Guineense

Expressões idiomáticas	Tradução-literál	Significado-Conotativo
<i>Mara korson:</i>	Amarra-coração	Aguentar o sofrimento com firmeza de ânimo
<i>Moli korson:</i>	Coração mole	Que se comove facilmente.
<i>Nguli pis pa rabu</i>	Engolir o peixe pelo rabo	Engolir peixe pelo rabo, suportar uma humilhação em consequência de algo que se provocou.
<i>Nguli kuspihu</i>	Engolir saliva	Engolir a decepção, ficar frustrado, ficar privado do que se desejava ardentemente.
<i>Quebra kudjer</i>	Quebrar A colher	Morrer
<i>Nhanhã-ku-padi-forel</i>	—	Não dizer nada de concreto, meter os pés pelas mãos, dizer não-sei-quê;
<i>Tapa céu ku mon</i>	Cobrir os céus com a mão/peneira	Fingir de algo, que está tudo bem ou encobertar alguma coisa de errado. Significa um esforço malsucedido para ocultar uma asneira ou negar uma evidência
<i>Da udju di kume</i>	Dar de comer aos olhos	Regalar os olhos com ou alguma coisa, apreciar com a vista, deliciar-se a admirar alguma coisa sem poder toca-lo.
<i>Boka ficadu ka ta ientra moska; / Na boka ficadu i ka ta ientra moska</i>	Pela boca fechada não entra a mosca	Significa que em certas ocasiões é mais prudente manter o silêncio para evitar consequências desagradáveis.
<i>Bu ten kujer, bu na kume ku mon</i>	Tens colher e comes com a mão	Você tem uma boa oportunidade nas mãos e deixa-o escapar-te.
<i>Un son mon ka ta toka palmu /um mon ta lama utru mon</i>	Uma mão sozinha não bate palmas/uma mão lava a outra	Entreajuda; ajuda para ser ajudada
<i>Sinti dur di kutibelu</i>	Sentir dor de cotovelo	Sentir inveja
<i>Fumu ku odja inda</i>	Viu só o fumo / ver o fumo	Ter dificuldade em alguma situação
<i>Pega vela</i>	Segurar a vela	Estar sozinho/a com um casal.
<i>Vira cacete</i>	Virar a cacete	Mudar do assunto
<i>Sta ku dur di kutibelu</i>	Estar com dor de cotovelo	Estar despeitado devido a uma decepção amorosa
<i>Na laba mon nsai</i>	Lavar as mãos e sair	Não se envolver
<i>Tira cabalu na tchuba</i>	Tirar o cavalo da chuva	Desistir de algo ou alguém
<i>Misti tapa seu ku mon</i>	Querendo cobrir os céus com a mão	Querer alcançar coisas impossíveis, querer tapar o céu com uma peneira, querer abarcar o céu com as mãos
<i>Kumé iagu\ mama iagu</i>	Comer água	Ato de sair para consumir bebida alcoólica (em grande quantidade)

<i>Sta ku un pé trás</i>	Estar com um pé atrás	Estar desconfiado
<i>Laba ropa susu / ropa susu ta labadu na casa</i>	Lavar a roupa suja/roupa suja se lava em casa	Discutir assunto particular em público/discutir o assunto particular em casa
<i>Saia-blusa</i>	Saia e blusa	Cambiante, de disposição instável, que varia de humor sem aparente

Ilari (2001) elencou algumas características próprias das expressões idiomáticas como elas se apresentam, isso ajudou-nos muito a conseguir detectar as expressões idiomáticas no guineense para a sua seleção e na sua consideração como expressões idiomáticas do guineense. Vejamos como as expressões idiomáticas podem se apresentar:

Um forte grau de fixidez, isto é, não podemos substituir as palavras que as compõem por outras, nem mudar sua ordem, nem intercalar outras palavras, na análise adiante veremos essa questão com mais detalhes. Segundo a classificação de Ilari (2001, p.78) as expressões idiomáticas podem fazer o papel de:

- Substantivos: *Un son mon ka ta toka palmu* (=entrajuda; ajuda para ser ajudada);
- Adjetivos: Armando *sai aonti i bai kumé iagu i volta só é parmanhã* (=ato de sair para consumir bebida alcoólica, em grande quantidade);
- Verbos: Benibel *konegui tira si kabalua na tchuba* (=desistir de algo ou alguém)
- Orações inteiras: *Na boka ficadu i ka ta ientra moska* (=em boca fechada não entra moscas).

Após a descrição do quadro das expressões idiomáticas e as suas principais características referidas acima, por outro lado, mostramos como algumas expressões idiomáticas do guineense podem comportar com os elementos, como verbos, orações completas, substantivos e adjetivos dentro de uma oração, ou seja, a frase, também no quadro tabelada, mostramos as expressões selecionados do *corpus* retirados dos materiais referidas na metodologia desse trabalho, aqui iremos analisar alguns retiradas dentro dos exemplos do quadro, não será possível todas. Como são apresentadas algumas das expressões idiomáticas retiradas do livro de Montenegro (1998), com a tradução no seu sentido figurado para o português, fizemos a tradução do sentido literal e alguns também retirados do Scantamburlo (1999) fizemos tradução figurada dessas expressões, iremos analisá-las inteiras no seu sentido semântico, de acordo com a proposta do trabalho. Passaremos para à análise das EIs. Seguiremos para sua análise.

A expressão *laba mon nsai* literalmente significa ‘lavar as mãos e sair’, no seu significado metafórico ou figurado significa ‘não se envolver, deixar como está’. Quando

alguém diz ‘*N’laba mon nsai*’ significa que ele está se isentando de qualquer culpa ou prejuízo que possa acontecer por sua responsabilidade. Ao ‘lavar as mãos e sair’, ele simplesmente deixou de se envolver com alguma coisa e correndo dessa responsabilidade que poderia dar em um prejuízo ou por outro lado, podia ser uma atitude egoísta também da pessoa. Dessa forma, nunca podemos pegar essa expressão substituí-la por outros elementos ou introduzir outras palavras sem ser verbos, substantivos, pronomes. Por exemplo, na construção da oração *ami n’laba mon nsai*, ‘eu lavo as minhas mãos e saio’, nunca seremos entendidos se dissermos *ami n’laba mon ku sabon branku nsai na turnera* ou, com o sentido denotativo, com o mesmo sentido, ‘nego qualquer responsabilidade perante o que possa acontecer’.

Como sabemos isso é utilizado, sobretudo, quando alguém tem a consciência de que existe uma grande pressão ao optar por uma alternativa diante das inúmeras outras que existem por trás de uma decisão. Então, essa expressão teria o sentido conotativo quando é expressa logo na primeira expressão *ami n’laba mon nsai*.

Tira kabalú na tchuba literalmente significa ‘tirar o cavalo da chuva’, em sentido figurado, ‘desistir de algo ou alguém’. A expressão é tida como um todo e não separadamente, supondo que alguém dissesse, *tira katchur na tchuba*, não seria a mesma coisa que da primeira expressão, o significado de ‘desistir de algo ou de alguém’, porque essa expressão é cristalizada dessa forma, ao tirarmos um componente dela e substituir por outro que não tem nada a ver, não faria sentido, o que realmente queríamos expressar, pois, a *tira kabalú na tchuba*, não se aplica o conceito de composicionalidade, uma vez que o produto das partes é ‘desistir’.

Quando há perda total do valor composicional das partes de um complexo em prol de um valor distanciado, diz-se, então, que a sequência não tem uma leitura composicional, pois a estrutura, em questão, permite duas leituras distintas, um transparente ‘retirar o animal da chuva’ e uma opaca/metafórica (‘desistir’), diz-se que há uma sequência opaca ou semanticamente congelada e lexicamente restrita. Para haver opacidade, os elementos não podem contribuir com seus sentidos. A opacidade semântica é uma das características principais do congelamento.

As expressões *kumé iagu/mama iagu*, literalmente, ‘comer água’, a expressão é utilizada pelos falantes nativos do guineense, com o sentido figurado de ‘sair para consumir bebida alcoólica (em grande quantidade)’, porém não pode ser entendido de ato de comer água, ninguém come água, com isso, o seu entendimento é metafórico e totalmente opaco,

também a sua estrutura será entendido pela soma total dos seus constituintes e não da palavra isolada na frase, por exemplo, *kumé, iagu*, (comer, água) não fará sentido dessa forma no contexto da sua aplicação e seria o verbo comer e o substantivo água. Procuramos no dicionário Houaiss o significado de comer: ingerir algum alimento, levando à boca e engolindo, classificação do substantivo masculino, “ação de comer; aquilo que se come ou ingere; alimento: o comer não lhe satisfaz”, e ainda no verbete desse dicionário, que o classificou no seu sentido figurado, a explicação: “acreditar muito em: o delegado não comeu sua história”. Da mesma forma, a palavra *iagu* (água) isoladamente significaria de acordo com o mesmo dicionário: “s.f. Líquido incolor, sem cor, e inodoro, sem cheiro, composto de hidrogênio e oxigênio, H₂O. Porção líquida que cobre 2/3 ou...” implica que fora do contexto em que é expressada para ser compreendida no seu sentido figurado, não será uma expressão idiomática.

A expressão *nguli pis pa rabu*, literalmente, ‘engolir o peixe pelo rabo’, a expressão *nguli pis pa rabu* no seu valor semântico significa ‘suportar uma humilhação em consequência de algo que se provocou’. Porém, o seu entendimento não será com o sentido de pegar o peixe e engoli-lo pelo rabo e nem pode ser ‘estruturada ou trocar os seus elementos de lugar, como: *pis nguli pa rabu* ou *rabu nguli pis pa*, (peixe engolir pelo rabo ou rabo engolir peixe pelo), o entendimento dela, não pode mudar as palavras de sua ordem, na qual foi cristalizada e se for mudada, como vimos no exemplo, não faria sentido na língua guineense e tornaria muito estranha essa expressão, por outro lado, o seu entendimento deve ser dessa forma: ‘suportar uma humilhação’, não podem ser separados os elementos ou seja, entendidos isoladamente, isto é, significados não são dados pelos constituintes separadamente, e sim, é um todo o seu entendimento.

4.3 ANÁLISE DOS PROVÉRBIOS NO GUINEENSE

Tabela 3- a descrição dos provérbios na língua guineense e suas significações da tradução literal e significado metafórico ou conotativo.

Provérbios	Tradução literal	Significado-conotativo
<i>Baka ku ka ten rabu Deus ku ta banal</i>	À vaca que não tem rabo Abana Deus	Deus ajuda sempre aqueles que não têm meios materiais e outros para sobreviverem.

⁶ <https://www.dicio.com.br/houaiss/> acesso.23. nov. 2017

<i>Palabra di magru ka ta obidu na kau di fola baka / i ta faladu kuma Kunbersa di magru ka ta obidu na kau di fola baka / Fala di magru ka ta ciga na tabanka</i>	Palavra de magro não é ouvida no lugar de esfolar vacas; Fala de magro não chega à vila	Dizer uma verdade e não ser ouvida ou dada a devida atenção necessária, por causa da sua posição familiar, social ou algo em que se pode embasar para consequente ignorância.
<i>Kin ku misti pis, i ta ba moja rabada na iagu.</i>	(Quem quer o peixe tem que molhar o traseiro)	Quem precisa de algo corre atrás.
<i>mursegu kuma i na pupu riba di kabesa di ñor deus, i ba kai riba di si kabesa.</i>	O morcego disse que fazia cocô na cabeça do senhor Deus e foi-lhe cair em sua própria cabeça	Conspirara contra si mesma, planejar ira contra alguém com maior poder em todos os aspectos.
<i>Tudu fiu ki fiu, nunka bu ka ta fala kuma bu fiju fiu.</i>	Por mais feio que seu filho for você nunca dirá que ele é feio	O defeito está sempre no outro e nunca em nós mesmos.
<i>Kaleron fala panela ka bu tisinin</i>	A panela disse à caldeira: não me chamusque!	Assinalar em outrem um defeito que a própria pessoa possui; criticar as falhas dos e ignorar as suas; ver argueiro no olho alheio e não ver a trave no seu; dia a panela para a sertã: não me enfarrusques; diz o roto ao nu: porquê não te vestes tu?
<i>Mandadu ta frianta pe, ma i ka ta frianta korson</i>	Mandar alguém pode descansar os pés, mas não descansa o coração.	Pela preguiça, por vezes, optamos em delegar pessoas, porém o resultado às vezes é sempre catastrófico.
<i>Bolta di mundu i rabu di pumba</i>	A volta do mundo é um rabo de pomba	O inesperado acontece; as voltas que o mundo dá.
<i>Po pudi tarda o tarda na iagu, i ka ta bida lagartu</i>	Por mais tempo Que fique na água o pau não vira crocodilo	Podes fazer tudo que quiserdes, porém nunca serás eu e nem ele. Ou tudo que um início terá um fim.
<i>Mursegu kuma i na missa Deus, riba di si kabesa k'si unina ta kai</i>	O morcego resolve urinar para o céu, porém a urina cai-lhe sempre na cabeça	Sofrer as consequências desagradáveis da decisão intempestiva.
<i>Bardadi i suma malgeta, i ta iardi</i>	A verdade é como a malagueta: ela arde	A verdade é como a pimenta Malagueta: arde
<i>Boka di mel, korson di karbon</i>	Boca de abelha, coração de carvão	Falas doces ou amigáveis que ocultam maus sentimentos
<i>Santchu ka ta jukta i fika si rabu</i>	O macaco, quando pula, não deixa ficar seu rabo	Se, por acaso, certos pais se queixam a um amigo precisamente dos defeitos dos seus filhos, o interlocutor limitar-se-á, muitas vezes, a lembrar-lhes com o humor.
<i>Bolta di mundo i rabu di pumba</i>	As voltas que o mundo dá são como as asas da pomba	O inesperado acontece; as voltas que o mundo dá.
		Estar no próprio meio (casa, país) aumenta

<i>Bagera na si kumbu ka ta medi lion</i>	Abelha na sua casa não tem medo de leão.	a coragem.
<i>Bu na toka palmu bu na badja</i>	Bates palmas e danças.	Fazer o autoelogio; gabar-se a si próprio.
<i>Sabon kata laba si kabesa/ sabon ka Ta laba sabon.</i>	Sabão não lava a sua cabeça/ sabão não lava sabão	Não fica a bem fazer o elogio de si próprio, dizendo que se fez isto e aquilo.
<i>Patu ku ngabadu i ta kudi purtch</i>	Se gabar o pato logo em seguida já faz coco.	Quem se deixa obnubilar pelos elogios faz logo asneira.
<i>Si bu djingi kabás, ami na mborkal</i>	Se tu inclinas a cabaça, eu viro-a	Se queres problemas, eu já dou problemas a valer
<i>Kasabi di katchur, el ki sabura di karpatu</i>	O sofrimento de cachorro é a alegria de carrapato.	Pimenta no cu dos outros é refresco; alegrar-se com males alheios.
<i>Disgustu di galinha i sabura di manhoti</i>	A tristeza da galinha é alegria de minhoca.	A desgraça de uns faz a alegria de outros.
<i>Lubu, nin ku bu negal, ka bu dal padja di bobra</i>	Não dê folha de abóbora à hiena mesmo que não gostes dela	Por muito mal que uma pessoa se dê com outra, não deve caluniá-la ou atribuir-lhe defeitos que não tem.
<i>Faka di atorna i kata moku</i>	A faca da vingança não está sem corte, está afiada	O sentimento de vingança não a esmorece faca da vingança não perde o fio; a ofensa ou dano serão retribuídos com a mesma moeda
<i>Justu de bai tchur i ka tchiga karga don</i>	Só ir ao velório não implica em chorar	Uma pequena aproximação não justifica reações extremas ou não autoriza maiores liberdade
<i>Sapatu bedju ka ta perta si dunu</i>	Sapato velho não aperta do dono	Não é difícil reatar ligações amorosas passadas.
<i>Diskunfia</i>	Desconfiar Desconfiar	Quando a esmola é grossa, até o pobre desconfia; o excesso de generosidade faz supor segundas intenções
<i>Diskunfiadu i gatu ku limbi nata</i>	Desconfiado é o gato que lambe a nata	É suspeito quem se defende vivamente sem ter sido acusado diretamente, ou quem levanta questões contra alguém para se proteger a si próprio.
<i>Dinti, tudu branku ki branku, i ka ta sai sangi</i>	Os dentes, por mais brancos que sejam, não sangram	O sorriso não espelha o que vai na alma; referência ao cinismo.
<i>Kasa bedju ka ta falta barata</i>	Casa velha não falta a barata	Em casa velha não faltam baratas; diz quando se pede a alguém uma coisa que a pessoa sempre tem, que nunca lhe falta e por isso não pode deixar de ter.

A partir dos provérbios descritos nesse quadro acima, iremos escolher alguns deles para análise e seguiremos para mais detalhes nesta análise.

1- *Baka ku ka ten rabu, Deus ku ta banal* (à vaca que não tem rabo, Deus encarrega-se de enxotar as moscas). Nessa expressão, podemos entender de uma forma literal, que uma das funções principais do rabo da vaca é abanar os insetos que a incomodam, por outro lado, se a vaca não tivesse o rabo, quem poderia se encarregar de ajudá-la a abanar seria Deus. Esse provérbio expressa uma ideologia, seu significado metafórico não seria da interpretação literal, mas sim de uma ideologia religiosa de que Deus ajuda sempre aqueles que não têm meios materiais e outros meios para sobreviverem. Equivalente no português a ‘quem nada tem, Deus o mantém’.

Desse modo, de acordo com Succi (2006, p.45), “pode-se afirmar que o provérbio tem alto grau de codificabilidade, por sua capacidade de transformar em um ‘enunciado-código’ a análise que faz da realidade”.

2- *Kasa bedju ka ta falta barata* (em casa velha não falta a barata), se a interpretação desse provérbio fosse uma interpretação literal não se tornaria um provérbio, porque é a forma que é cristalizada por ser uma metáfora, por exemplo, se formos entende-lo desse modo, de que nunca falta barata dentro de uma casa velha, no sentido de casa como substantivo, não chegaríamos ao resultado do seu sentido ou da mensagem que essa expressão está transmitindo. Significa no sentido figurado, por um lado, que às pessoas abastadas nunca faltam meios financeiros e outros para resolverem problemas aparentemente insolúveis, por outro, que essas mesmas pessoas podem a todo momento, se o quiserem, ajudar amigos em dificuldades.

3- *Falta di mame, bu ta mama dona*, (na falta da mãe, mama-se na vó), essa expressão significa não tendo o que desejamos, devemos contentar-nos com o que há. Uma coisa que o provérbio não aceita é a troca dos seus elementos internos por outros, por exemplo, por sua cristalização, *falta de mame, bu ta mama tia*, não seria a mesma coisa quando utilizarmos a expressão *falta di mame, bu ta mama dona*. A expressão trocada por elemento de mãe para tia, não terá sentido de um provérbio, por ele ser cristalizado dessa forma, a partir de momento que é conotativa, ao inserirmos uma unidade lexical a uma construção já fixa, não teremos mais um provérbio. Essa troca ou a mudança da sua construção não será reconhecida como um provérbio consagrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo lúcido das unidades fraseológicas, delimitaram o foco de nosso trabalho, no qual buscamos trazer à tona as unidades lexicais da fraseologia, as lexias compostas, as expressões idiomáticas e os provérbios que percorremos ao longo desse trabalho, ao confirmarmos a importância que essas unidades fraseológicas têm numa comunidade linguística. Isto porque as fraseologias já não são usadas individualmente. Elas constituem e a elas pertencem elementos de léxico variados de cada língua, que estão acumulados no léxico e notoriamente já não são produzidos, mas sim reproduzidos como ‘discurso’, ‘repetição’, como unidades referenciais, conotativas, denominativas fixas, opacas, sendo a determinação de limites exatos entre produção e reprodução naturalmente difícil, o que sem dúvida traz a reflexão sobre a sua formação e significado dentro de uma cultura e comunidade linguística, como a guineense, o que colabora na sua compreensão para o conhecimento e o aprendizado de uma língua, seja ela materna ou estrangeira.

Na hipótese de tais unidades espelharem representações das impressões que uma determinada sociedade tem do seu universo ao seu redor, seu entendimento dependerá da observação da circunstância em que são utilizadas e do movimento sócio-histórico e cultural percorrido pela comunidade linguística que a utiliza. A partir do que é mostrado e dito ao longo desse trabalho desde a primeira sessão, onde tecemos uma breve discussão da relação entre língua e cultura, falamos do léxico, estudo que se preocupa em descrever a língua e falamos da sua importância com as fraseologias, uma área de estudo que se preocupa em descrever e estudar as unidades fraseológicas e que apresentamos na nossa discussão teórica, já que as unidades fraseológicas são o objetivo do nosso trabalho, na segunda sessão tratamos das unidades fraseológicas, as suas concepções, trazendo pontos de vista de autores e pesquisadores da área citada.

Uma vez que o foco desta pesquisa recai sobre a lexia composta, as expressões idiomáticas e provérbios, as nossas discussões se debruçaram sobre essas unidades lexicais e complexas, ressaltando suas características utilizadas para sua definição e compreensão. Na terceira sessão traçamos a metodologia do trabalho e por fim a análise que ressalta as características e o principal foco no critério de nível semântico das lexias compostas, das expressões idiomáticas e os provérbios. Procedemos com reflexões que evidenciam a importância de estudar e compreender as unidades fraseológicas no léxico do guineense, em se tratando da nossa língua materna.

Nesse sentido, ressaltamos que as unidades fraseológicas contribuem de modo a desenvolver a competência lexical, seu conhecimento e funcionamento no sentido figurado/metafórico, bem como a promover a ampliação lexical do falante e o crescimento do seu interesse pelos estudos e sua conseqüente expansão pelo mundo acadêmico. Esperamos então que haja mais interesse para os estudantes dessa língua materna e que, assim como os pesquisadores, queiram mergulhar no seu estudo, conhecimento e compreensão. Por outro lado, auguramos que esta pesquisa possa contribuir muito nos futuros trabalhos sobre o léxico em língua guineense, pois consideramos que as unidades fraseológicas, sobretudo as lexias compostas, expressões idiomáticas e provérbios que tratamos aqui, compõem uma parte do léxico guineense, caracterizada pela sua relação intrínseca com a cultura do povo, responsável pela manutenção da sua identidade e pela vivacidade da língua. Sabemos que este estudo não esgota o tema, muito pelo contrário, há muito por fazer em seu desenvolvimento e nas possibilidades de estudo das unidades fraseológicas do guineense, aqui só tratamos dessas fraseologias, expressões idiomáticas, provérbios e composto no guineense. Contudo, esperamos que possa ser uma valiosa contribuição para elucidar uma modalidade linguística praticamente não estudada do guineense e bastante confusa. Como já dissemos, com este trabalho só pretendemos dar um pequeno avanço no estudo das unidades fraseológicas e esperamos que a nossa contribuição seja útil para as pessoas interessadas nesta matéria e que sirva também de incentivo para mais estudos sobre o guineense nessa área.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Fernandes. Carolina. **Inclusão e tratamento de unidades fraseológicas no Dicionário de Usos do Português do Brasil (2002) - DOMÍNIOS DE LINGU@GEM** (<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>) - v. 8, n. 2 (jul/dez. 2014) - ISSN 1980-5799 -p. 87-117.
- BALDO, Alessandra. **Compreensão de expressões idiomáticas da língua portuguesa como L2: evidências de protocolos verbais.** Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 2, p. 375-390, maio/ago. 2014. In. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-140209-3813>
- BASILIO, Margarida. **Teoria lexical.** 7. ed. São Paulo: Ática, 2001. 94 p.
- BRITO. Mendes, de Sousa, Jussara, de. E SANTOS. Coutinho, Kruschewsky, Katiana. **Provérbios, da cultura popular à terapia comunitária. RTES – Temas em Educação e Saúde**, v.12, n.2, p. 266-276, jul-dez/2016 ISSN: 1517-7947 267
- BULL, Benjamin Pinto. 1989. **O crioulo da Guiné-Bissau: filosofia e sabedoria.** Lisboa/Bissau: Ministério da Educação / INEP. 1999.
- CALVET, L.J. **As políticas linguísticas-1942-tradução** Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen, Marcos-Bagno. -SP: ed.Parábola.2007.
- CAMACHO. Beatriz, Facincani. **Estudo comparativo de expressões idiomáticas do português do Brasil e de Portugal e do francês da França e do Canadá.** - São José do Rio Preto: [s.n], 2008 167 f.; 30 cm.
- CANSANÇÃO, Juliana e MARQUES. Elizabete, Aparecida. **As locuções: uma breve discussão sobre o seu lugar na Fraseologia Idioms: a brief discussion about its place on Phraseology.** Domínios de lingu@gem (<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>) - v. 9, n. 5 (dez. 2015) - ISSN 1980-5799
- CARVALHO, Lima. Gisele. **Dar uma colher de chá: uma análise de expressões idiomáticas em dicionários de língua portuguesa.** p. 164-177.domínios de lingu@gem (<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>) - v. 8, n. 2 (julho/dez. 2014) - ISSN 1980-5799
- CORPAS PASTOR, G. **En torno al concepto de colocación.** Universidad de Málaga-EUSKERA - XLVI, 2001, I.
- CORPAS PASTOR, G.; ORTIZ ALVAREZ, M. L. **Fraseologia e Paremiologia: uma entrevista com Gloria Corpas Pastor.** *ReVEL*, vol. 15, n. 29, 2017. Tradução de Ana Carolina Spinelli. Revisão técnica de Gabriel de Ávila Othéro. [www.revel.inf.br]
- CORPAS PASTOR, Glória. Maria. **Manual de fraseologia española**, Madrid: Gredos, 1997.
- COUTO, Hildo. Honório, do.; EMBALÓ, Filomena. **Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau: um país da CPLP.** Papia (Brasília), V. 20, p.1-256, 2010.

COUTO, Hildo. Honório, do.; MELLO, Maria. Aparecida. Curupuná. Rocha. **Os compostos no crioulo português da Guiné-Bissau**. Pápiá (Brasília), v. 19, p. 69-79, 2009.

CUNHA, A. L. **Análise do Priming lexical das composições sintagmáticas em textos publicitários**: Por uma metodologia em que o léxico seja o ponto central do Ensino de Língua Portuguesa. 2017.115f. Tese (Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CUNHA, A. L.; FERRAZ, A. P. **Expressões idiomáticas: da linguagem publicitária para a sala de aula**. 2012. Disponível:

http://150.164.100.248/gtlex/viiiengtlex/pdf/resumos_expandidos/Aline%20Luiza-Aderlande.pdf>. Acesso em: 20 de out. 2017.

DORNELLES, Santos, Maria. Dos. **Unidades fraseológicas especializadas eventivas no âmbito do Treinamento de Força: um “exercício” exploratório** -. Domínios de lingu@gem- v. 8, n. 2 (jul/dez. 2014) - ISSN 1980-5799
(<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>)

FERRAZ, A. P. **A inovação lexical e a dimensão social da língua**. In: SEABRA, M. C. T. C. O. (Org.). O Léxico em estudo: Faculdade de Letras, 2006.

http://150.164.100.248/gtlex/viiiengtlex/pdf/resumos_expandidos/Aline%20Luiza-Aderlande.pdf – Acesso em: 20 de out. 2017.

ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico** – brincando com as palavras. – São Paulo: Contexto, 2001.

ISQUERDO, N. A.; MARTINS, F.G. L. **O falar rural na região centro-oeste: designações para borralho** - In. C266d Cardoso, Suzana Alice Marcelino Documentos 3: projeto atlas linguístico do Brasil / Suzana Alice Marcelino Cardoso; Jacyra Andrade Mota; Marcela Moura Torres Paim (Orgs.). Salvador: Vento Leste, 2012.

JORGE, Guilhermina. Da. **criatividade linguística à tradução: uma abordagem das unidades polilexicais em mia couto**. Doutorado em linguística – linguística aplicada - departamento de linguística geral e românica- faculdade de letras da universidade de Lisboa. 2014.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

LUKEŠOVÁ, P. P. D. Magisterská. **Expressões idiomáticas: falsos amigos do espanhol e do português**. Masarykova univerzita- Filosofická fakulta. Ústav románských jazyků a literatura. 2012.

MARTINS, Vicente de Paula da Silva. MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. – **A influência da memória episódica na compreensão de expressões idiomáticas relacionadas com a violência**- 2012. Anais do V Congresso Linguística e Cognição p. 147-154

MATOS, Sérgio. **A cultura pela língua. Algumas reflexões sobre pragmática (inter) cultural e ensino aprendizagem de língua não materna.** FEDER/POCTI-U0022/2003 da Fundação para a Ciência e Tecnologia. In. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6719.pdf>

MATOS, Sérgio. **A cultura pela língua. Algumas reflexões sobre pragmática (Inter) cultural e ensino-aprendizagem de língua não materna-** 2003. Este trabalho foi financiado pelo Programa FEDER/POCTI-U0022/2003 da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma **Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna (volume I)** / - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. 309 p.: il.; 21 cm. (Estudos da Pós-Graduação).

MONTENEGRO, Teresa. **Kriol ten, termos e expressões.** Bissau: Ku Si Mon, Editora Lda. 2007.

NASI, Lara. **O conceito de língua: um contraponto entre a Gramática Normativa e a Linguística.** Revista Urutágua – revista acadêmica multidisciplinar. Paraná, n. 13, ago. /set. /out. /nov. 2007. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/013/13nasi.htm>. Acesso em: 30 set. 2017.

NOGUEIRA, Luis Carlos Ramos. **A presença de expressões idiomáticas (EIs) na sala de aula de E/LE para brasileiros.** Tese de Mestrado - Brasília, 2008.

ORTIZ ALVAREZ, M. L. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: Estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira.** Tese de Doutorado defendida na UNICAMP. (2000) Campinas: Editora da UNICAMP.

PAIM, Torres. Moura. Marcela. **A variação diageracional nos dados do projeto ALiB.** In. C266d Cardoso, Suzana Alice Marcelino Documentos 3: projeto atlas linguístico do Brasil / Suzana Alice Marcelino Cardoso; Jacyra Andrade Mota; Marcela Moura Torres Paim (Orgs.). Salvador: Vento Leste, 2012.

PEDRO, Magali de Lourdes. **As expressões idiomáticas no ensino de português como língua estrangeira para estudantes uruguaios.** Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, 2007

PEIXOTO, Maciel. Lucas **Identificação de unidades fraseológicas no vocabulário de *Star Trek*: abordagens corpus-driven e corpus-based-2014.** Domínios de lingu@gem (<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>) - v. 8, n. 2 (jul/dez. 2014) - ISSN 1980-5799. p. 139-163.

PERINI, Mário A. **Sobre língua, linguagem e linguística: uma entrevista com Mário A. Perini.** ReVEL. Vol.8, n.14,2010. ISSN 1678-8931[www.revel.inf.br].

PINTO, Gabriel Leite Vasconcelos. **Estratégias de compreensão de expressões idiomáticas** – 2015. 128f.: il. enc.; 30cm. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2015.

RAMOS, A.M. C. de; BEZERRA, M. R.J.de; ROCHA, S. F. M. de; REIS, R. M. **No céu do maranhão, cruzam-se catarinas, tingas e pragas: um estudo semântico-lexical da fauna maranhense.** In. C266d Cardoso, Suzana Alice Marcelino Documentos 3: projeto atlas linguístico do Brasil / Suzana Alice Marcelino Cardoso; Jacyra Andrade Mota; Marcela Moura Torres Paim (Orgs.). Salvador: Vento Leste, 2012.

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas. **Saussure e a definição da língua como objeto de estudos.** *ReVEL*. Edição especial n. 2, 2008. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

RÚBIO, Cássio. Florêncio. **Morfossintaxe do Português I:** Curso de Licenciatura em Letras. Material de apoio. Módulo III-3º Trimestre de 2013, UNILAB. Redenção, março de 2014.

SANTANA, j. D. **Língua, cultura e identidade: a língua portuguesa como espaço simbólico de identificação no documentário: língua – vidas em português.** *Linha d'água*, n. 25 (1), p. 47-66, 2012.

SANTOS, Ana Paula Gonçalves. **O lugar dos provérbios no ensino da língua portuguesa [manuscrito]:** uma análise do livro didático de Português do Ensino Fundamental II / Ana Paula Gonçalves Santos. – 2013. 102 f., enc.: il. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. São Paulo: Cultrix; USP, 1969.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral.** Trad de A. Chelini, José P. Paes e I. Blikstein. 1969.

SAUSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** São Paulo: 34ª ed. Editora Cultrix, 2012.

SCANTAMBURLO, L. **Dicionário do guineense-português.** Lisboa: Editora Colibri, v. II, 1999.

SCANTAMBURLO, Luigi. **O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português: o ensino bilíngue português-crioulo guineense.** Tese de Doutorado em Linguística Especialidade de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. 2013

SCANTAMBURLO, Luigi. **Dicionário do guineense I: Introdução e notas gramaticais.** Lisboa/Bubaque: Colibri/FASPEBI. 1999

SILVA, Moisés. Batista da. **Uma palavra só não basta: Um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas.** *Ver.de Letras- N° 28- Vol. 1/2 – jan/dez.* 2006.

SUCCI, Thais Marini. **Os provérbios relativos aos sete pecados capitais.** Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto, 2006. 152 f.

VALADARES, Flavio Biasutti. **Espaço lusófono: uso de expressões idiomáticas – efeitos de sentido iguais em estruturas linguísticas diferentes – São Paulo – SP – Brasil.** *Revista: todas as letras*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 37-47, jan. /abr. 2016

XATARA, C. M.; SUCCI, T. M. **Revisitando o conceito de provérbio**. In: Revista Veredas. PPGL/UFJF, v. 1. Juiz de Fora, 2008, p. 33-48. ISSN 1982-2243. Disponível em: <http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel>. Acesso em 24 de junho 2014.

XATARA, Claudia Maria. **O campo minado das expressões idiomáticas**. Alfa, São Paulo, 42 (n. esp.), p. 147-159, 1998.